



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Psicologia**  
**Programa de Pós-Graduação - Psicologia Clínica e Cultura - PPGPsiCC**  
**Mestrado**

**EM DEFESA DO SINTOMA**

**Guilherme Araújo da Gama**

**Brasília**  
**2024**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA – PPGPsiCC

GUILHERME ARAÚJO DA GAMA

**Em defesa do sintoma**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Rigotto Lazzarini.

Brasília, 2024

Guilherme Araújo da Gama

**Em defesa do sintoma**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Banca examinadora:**

**Presidente:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Rigotto Lazzarini

Universidade de Brasília – UnB

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Guilherme Freitas Henderson

Centro Universitário de Brasília (UniCeub)

Associação Lacaniana de Brasília (ALB)

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. João Milton Walter Tavares

Centro Universitário UDF (UDF)

**Suplente:** \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Livia Mesquita de Souza

Universidade Federal de Goiás (UFG)

## AGRADECIMENTOS

A palavra que reverbera nos diferentes tempos de uma trajetória deve ser reconhecida como um verbo vivo que nos permite criar os caminhos necessários para que uma travessia seja interessante e verdadeira. Agradeço, com grande presença de espírito, pelas palavras que nunca se ausentaram em apoio, direção, ensino, e convicção que cada um(a) de vocês me presentearam para que eu não abreviasse minha escrita e trajetória nos “rasos do mundo”, como já nos disse Rosa. Assim, agradeço:

À minha orientadora, Profa. Eliana, por ter sido a pessoa mais importante na minha formação como analista e pesquisador até aqui. Que por meio de uma transmissão valiosa da psicanálise e de uma parceria essencial, me ajudou a constatar que o imaginário não sustenta uma travessia verdadeira e que é preciso criar, sem tantos receios, os caminhos enquanto se caminha...

Ao meu amigo André Paiva, por ter me ensinado que, de fato, o estilo salva. Nossas conversas foram presença na distância...

Ao meu amigo João Camilo, por ter me ajudado a enxergar saídas criativas em labirintos inexplicáveis...

À minha amiga Amanda Zanetti, que nos momentos supostamente intransponíveis da escrita, sempre me incentivou a escrever com os apuros, pois “só a escrita salva” ...

À banca avaliadora, Guilherme Henderson, João Milton, Lívia Mesquita, pela leitura e contribuições tão generosas para a evolução desse trabalho e para meu progresso como

pesquisador e analista. Os aprendizados que tive das trocas vividas durante a apresentação me acompanharão pelo tempo...

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) pelo incentivo financeiro que amparou a realização dessa pesquisa.

E encerrando com dois agradecimentos mais que especiais:

À minha namorada e companheira Victória, por contribuir para a vida fluir e fruir, e assim, me inspirar a escrever no patamar da vida-bem-vivida...

À minha mãe, Rita, por me transmitir e demonstrar que a leitura nos eleva e que a perseverança nos permite realizar nossas invenções. Combinação sob medida para que esse mestrado fosse possível. Obrigado por todo o suporte e incentivo, que transcendem o contexto deste mestrado.

## **Resumo**

O presente trabalho visa abordar a importância do sintoma para a estruturação psíquica do sujeito a partir dos mecanismos de alienação e separação abordados por Jacques Lacan, especialmente em seu *Seminário 11*. Abordaremos a estruturação do sujeito em sua relação com o sintoma a partir dos registros designados por Lacan como real, imaginário e simbólico – podendo ser compreendidos como um eixo epistemológico de seu ensino - para propormos a compreensão do sintoma como uma obra criada pelo sujeito a partir das condições que lhe constituíram como tal, e que, cuja função é a de lhe estruturar de forma particular diante da insuficiência da alienação como operação que designa ao sujeito sua condição de linguagem e desejo. A separação será abordada a partir da sua relação com a fantasia, em que o sujeito poderá criar para si alternativas aos efeitos insuficientes da alienação em sua constituição e aos altos custos do sintoma para sua estruturação enquanto sujeito desejante e de linguagem. Assim, conceitos centrais da obra de Lacan como o Outro, sujeito e desejo serão abordados, tais como conceitos antecedentes propostos por Freud como pulsão, trauma e fantasia.

Palavras-chave: Alienação, Outro, sintoma, separação, sujeito.

## **Abstract**

The present work aims to address the importance of symptoms for the psychic structuring of the subject based on the mechanisms of alienation and separation discussed by Jacques Lacan, especially in his Seminar 11. We will approach the structuring of the subject in relation to symptoms through the registers designated by Lacan as the real, imaginary, and symbolic – which can be understood as an epistemological axis of his teaching – to see symptoms as a creation by the subject based on the conditions that constituted them as such, and whose function is to structure them in a particular way in the face of the inadequacy of alienation as an operation that designates the subject's condition of language and desire. Separation will be approached in its relation to fantasy, where the subject may create alternatives for themselves due to the inadequacy of alienation and the high costs of symptoms for their structuring as a desiring subject and of language. Thus, central concepts in Lacan's work such as the Other, the subject, and desire will be addressed, as well as preceding concepts proposed by Freud such as drive, trauma, and fantasy.

Key-words: : Alienation, Other, Symptom, separation, , subject.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
------------------------	-----------

## **CAPÍTULO 1: Alienação**

1.1 As boas-vindas do Outro .....	08
1.2 Registro do imaginário e a formação do eu .....	23
1.3 Registro do simbólico e o inconsciente estruturado como uma linguagem .....	33

## **CAPÍTULO 2: O real**

2.1 O real e o pulsional .....	43
2.2 Pulsão e fantasia .....	57
3.3 Objeto, demanda e desejo .....	65



## **CAPÍTULO 3: Separação**

3.1 Do sintoma à liberdade..... 81

**CONCLUSÃO ..... 100**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 104**

## INTRODUÇÃO

*Quando dizemos que o sujeito não é substancial, não podemos esquecer que a psicanálise afirma curar ou mudar algo no nível do sintoma, que é um nível substancial, operando sobre o sujeito sem substância. A ambição da psicanálise é ... vasta.*

*Colette Soler.*

Jacques Lacan (1953/1988) em seu “Discurso de Roma” aborda o sintoma como a palavra dirigida ao outro sob a forma de um enigma a ser decifrado “o sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito (...)” (p. 282). Contudo, diz o autor, “é uma fala em plena atividade, pois inclui o discurso do outro no segredo do seu código” (p. 282). O sintoma resguarda o lugar da verdade do sujeito que comunica sua singularidade a partir de uma linguagem cifrada à procura de um outro sujeito suposto saber que possa interpretá-la. Assim, o sintoma resguarda também o lugar de uma análise.

A revolução freudiana desponta para a inovadora direção da cura que reconhece no sintoma da histérica uma verdade que busca reconhecimento (Borges, 2008, p. 6), cujo valor estrutural é a de uma formação inconsciente, como “um efeito ou produção do inconsciente” (Ocariz, 2007, p. 36). A psicanálise inaugura uma mudança ética na teoria e na clínica do sofrimento psíquico ao reconhecer no sintoma a verdade do desejo do sujeito, ao qual ele desconhece radicalmente. O desejo

encontra no sintoma uma forma de expressão, proporcionando o alcance de uma determinada satisfação pelo sujeito, ou seja, por meio do sintoma o sujeito encontra um caminho para seu desejo. Com a formação do sintoma o sujeito pode alcançar uma suposta homeostase, sempre provisória, de suas exigências pulsionais. Todavia, sendo o sintoma um mecanismo precário de defesa, se provará pouco eficaz em proporcionar alternativas diante das investidas do sujeito pela vida, resultando em um aumento das tensões em sua psique dada a intensificação pulsional. Assim, pretendemos abordar o sintoma como uma estrutura importante, porém não sendo palavra final dos destinos de um sujeito.

Desenvolveremos a hipótese do sintoma como uma obra criada pelo sujeito a fim de estruturá-lo em um campo simbólico que o submete invariavelmente a uma perda, como apontado por Laurent (1995) “a união do sujeito como o Outro deixa uma perda: se o sujeito tenta encontrar-se no Outro, só pode se encontrar como uma parte perdida” (p. 43). Dessa forma, a hipótese do sintoma como uma obra criada pelo sujeito como resposta a uma falta, nos implica em definirmos o contexto de sua produção: da matéria prima a qual o sujeito se valerá como recurso, ao porquê de o sujeito recorrer ao sintoma em sua criação. Assim, também buscaremos abordar o que é o sujeito e sua origem. Traremos também a hipótese do sintoma como uma resposta do sujeito dada a si à inviável alienação total ao Outro da linguagem, ou seja, o sintoma como uma mensagem que tem em si uma verdade a ser reconhecida pelo próprio sujeito.

O sintoma, para a psicanálise, é o que o sujeito pode reconhecer como tal a partir da palavra dirigida ao analista, na medida em que “o sintoma vai, pouco a pouco, sendo construído; é criado pela análise” (Ocariz, 2007, p. 128). O eixo que se instala em uma práxis psicanalítica é a do próprio sujeito que passa a estar no centro

da questão, não mais se tratando de uma nosologia médica da avaliação dos sintomas como signos demarcadores de uma desordem a ser corrigida, mas de uma ética que reconhece o valor da eficácia do sintoma para a estruturação psíquica do sujeito e seus ganhos subsequentes. Lacan (1958/1988) nos adverte em *A direção do tratamento* que “o psicanalista certamente dirige o tratamento. (...) Não deve de modo algum dirigir o paciente” (p. 592), pois, o sujeito da psicanálise é o protagonista de sua verdade. Ocariz (2007) aponta ainda que “Lacan fala de verdades variáveis do sintoma. Muda por completo o sentido de verdade; o que torna variável é a própria verdade” (p. 129) assim, versaremos sobre a possibilidade de o próprio sujeito também tornar-se variável, até mesmo efêmero, onde, ao mudar o sentido de sua verdade, mudam-se também seus destinos enquanto sujeito.

A direção do tratamento pelas vias do sintoma ampara-se no desejo do analista de que o sujeito atravesse seu sintoma como um enigma que resguarda uma verdade singular ainda não reconhecida como tal pelo próprio sujeito. Uma vez reconhecida, o sujeito poderá construir um destino mais fluente para seu desejo ou com efeitos mais criativos sobre a vida. Vemos, em análise, se tratar mais da construção de sua verdade, e não uma mera revelação, na qual o sujeito poderá se apropriar da possibilidade inventiva de criar novos objetos a partir de um desejo não estagnado e, assim, mudar a forma de se relacionar com seus objetos ao reposicionar-se de novas formas diante da vida, e assim, criar novos caminhos que pavimentem seu destino sobre o real. Trata-se de uma possibilidade criativa de articular sua verdade com maior implicação, ocupando novas posições subjetivas que potencializem a fruição pela vida.

Pretendemos trabalhar com a hipótese de que o sintoma é uma obra criada pelo sujeito para se estruturar diante da vida e suas exigências, possibilitando ganhos importantes para seus desfechos como sujeito, mas que, como criação, trata-se de uma

obra que reflete apenas um potencial módico de sua condição criativa, implicando em destinos limitados para seus desejos. A hipótese terá como alvo a proposta de que o sujeito pode estar à altura de criações que propiciem destinos mais libertadores para si, uma vez que a solução pelo sintoma implica em sofrimento real.

Dessa forma, buscaremos compreender quais são as condições que antecedem o advento do sujeito, como um sujeito de linguagem, e por quais motivos o sujeito estrutura seu sintoma como um mecanismo de defesa. Buscaremos responder ao que o sujeito se defende e como que esse mesmo sujeito pode se valer do sintoma para encontrar uma alternativa menos extenuante para sua psique, uma vez que a manutenção do sintoma implica em uma indissociável luta por um apaziguamento dos seus conflitos emergentes.

Para tal pesquisa percorreremos o desenvolvimento do conceito de sintoma proposta por Jacques Lacan dentro de sua vasta obra, articulando-o com outros conceitos fundantes de sua teoria, tais como o Outro, o objeto *a*, e o desejo, relacionados aos conceitos resgatados por Lacan na obra de Freud, como a pulsão, fixação, inconsciente e, claro, o sintoma em sua importância central para a teoria, pesquisa e prática psicanalíticas. Para compreendermos o sintoma em sua lógica constituinte, dividiremos o desenvolvimento dos conceitos centrais nesse trabalho a partir dos três registros defendidos por Lacan como um modelo de entendimento da estrutura e dinâmica da psique humana e como eixos epistemológicos de seu ensino: o registro do real, simbólico e imaginário. Abordaremos de forma isolada cada um dos registros com o objetivo de tornar mais didático suas implicações particulares, mesmo que os três registros sejam interrelacionados e mutualmente constitutivos - significando que eles moldam e influenciam uns aos outros.

Assim, o trabalho terá como eixo a pesquisa psicanalítica, sendo o objetivo central a compreensão e a articulação dos conceitos que estabelecem o escopo da clínica psicanalítica que se reatualiza, a cada tempo, com as novas exigências experienciadas pelo sujeito contemporâneo. Os conceitos que embasam a teoria psicanalítica são constantemente postos à prova de sua eficácia e reatualizados pelos pesquisadores a partir de diferentes interseções teóricas possíveis e a partir das questões da contemporaneidade que requerem inovações. Tal como na práxis, a teoria visa a inovação e não a fixação de um saber.

Dessa forma, o trabalho de revisitar, discutir e seguir desenvolvendo os conceitos faz-se necessário para uma ciência que desde o princípio se ocupou em compreender e agir sobre as vicissitudes do viver humano. Como o presente trabalho tem por objetivo a revisão e discussão do desenvolvimento teórico da psicanálise a partir de seus conceitos e bases epistemológicas, centramos os esforços em uma pesquisa em psicanálise a partir da análise e contextualização dos conceitos centrais cunhados por Freud e Lacan e abordados por comentadores citados ao longo do desenvolvimento do trabalho. Teremos por objetivo abordar os conceitos a partir do que neles reflete a experiência humana em sua dimensão de sofrimento e impasses, mas também em sua dimensão expressão e liberdade.

O primeiro capítulo terá ênfase na constituição do sujeito a partir da operação conhecida por alienação, proposta por Jacques Lacan em seu *Seminário II*. Abordaremos o estágio do espelho proposto pelo autor em seu aspecto fundamental para a emergência do eu em sua implicação na alienação e conseqüente falso reconhecimento. O eu, mediado por imagens e símbolos externos será considerado por Lacan como um sintoma privilegiado. Dentro desse aspecto, abordaremos o registro do imaginário na constituição do sujeito. Ainda no primeiro capítulo

investigaremos as condições antecedentes da constituição do sujeito para apreendermos os caminhos da formação do sintoma a partir dos mesmos elementos que o fundam. Dessa forma, também abordaremos a importância do registro do simbólico para a constituição do sujeito e do sintoma.

No segundo capítulo enfatizaremos o registro do real como o terceiro dos três registros que constituem o sujeito. Do registro do real, abordaremos a pulsão em seu contexto de conceito fundamental tanto na obra de Freud quanto na obra de Lacan em sua implicação elementar com a formação do sintoma, especialmente a partir da relação do objeto *a*, proposta por Lacan que, como causa do desejo do sujeito estará intrincada à formação do sintoma como forma de realizá-lo.

O terceiro capítulo tem como objetivo o desenvolvimento da operação de separação, que faz par indissociável com a alienação, ambas operações de constituição do sujeito. Enfocaremos a separação naquilo que envolve o confronto do sujeito alienado com a insuficiência do Outro. Se o sujeito está alienado tanto pela linguagem, quanto pelo desejo – uma vez que desejo e linguagem estão intrincados – é pela separação que o sujeito terá a chance de mobilizar sua estrutura para além do desejo do Outro, criando uma espécie de corte, uma separação, entre seu desejo e esse Outro que lhe é estranho e, ao mesmo tempo, causa de sua existência. A separação será abordada em sua relação ao fim da análise, em que, a partir da travessia da fantasia, o sujeito poderá subjetivar o que de real o colocava em causa de seu sintoma. A simbolização adicional, chave para a compreensão da separação, proporcionará ao sujeito uma nova posição em relação a seu objeto de desejo. Investigaremos a separação a partir da mudança estrutural de sua fantasia, proporcionada pela análise. Assim, o sujeito, outrora alienado da verdade de seu desejo, poderá, a partir de uma

análise de suas fantasias, reconhecê-la e com isso, criar condições de articulá-la em sua vida para além de uma manifestação sintomática.



# CAPÍTULO 1

## ALIENAÇÃO

**“Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo”.**

*Guimarães Rosa*

### 1.1 As boas-vindas do Outro

Lacan, em seu *Seminário II: os quatro conceitos*, apresenta a alienação e separação como as duas operações constituintes do sujeito. No capítulo XVI, *O sujeito e o Outro*, Lacan aponta para dois enfoques para desenvolver a noção de constituição do sujeito. Primeiro, Lacan (1964/1985) aborda que “se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p. 199); em seguida, deduz uma topologia cuja finalidade é a de explicar a constituição do sujeito em si.

Lacan (1964/1985) aponta para a necessidade do desenvolvimento dos conceitos de sujeito e Outro para a definição da alienação e diz que o Outro é “o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito” (p. 200). Por sua vez, Laurent (1995) aponta que essa definição “liga o Outro e o sujeito de um modo que constitui, claramente uma alienação: o sujeito como tal só pode ser conhecido no lugar ou *locus* do Outro. Não há meios de se definir um sujeito como consciência de si” (p. 34). Assim, indica-se um passo importante para a compreensão da alienação, a de que só podemos tomar conhecimento de nós a partir da alteridade. Veremos que a anterioridade lógica do Outro prediz o funcionamento automático do inconsciente do sujeito ao estabelecer as regras e leis da linguagem aos quais o inconsciente operará em função. Sendo o inconsciente, como apontado por Lacan (1964/1985), estruturado como uma linguagem, é patente sua relação com o Outro na medida em que este é o lugar que se situa a cadeia significante do sujeito mencionado acima.

Laurent (1995.) aponta que o Outro “pode ser abreviado da seguinte maneira:  $S1 \rightarrow S2$ . Isso indica que precisamos de pelo menos dois significantes para definir a estrutura do Outro” (p. 37). Assim, ao abordarmos o sintoma, como uma formação do inconsciente, o faremos a partir do ponto de vista da linguagem, uma vez que as operações de alienação e separação que constituem o sujeito são operações de linguagem e possuem intrínseca relação com o conceito de Outro na obra de Jacques Lacan.

Alienação e separação são as operações propostas por Lacan (1964/1985) como uma lógica da constituição de um sujeito. Essa dupla operação constituinte ocorre pela noção de tempo circular - fundamental para que compreendamos que sujeito e causa são definidos reciprocamente - em que Lacan aborda o tempo circular

como uma torção: “nisso reside a torção através da qual a separação representa o retorno da alienação” (Lacan, 1964/1985, p. 958) e que, em decorrência “demonstra também o núcleo de um tempo reversivo, muito necessário de introduzir em toda eficácia do discurso, [...]. [Alienação e separação] se ordenam em uma reação circular” (p. 853).

A alienação, operação de constituição do sujeito, tem como ponto de partida a entrada da criança na ordem simbólica, inaugurando seu advento como sujeito e possibilitando sua integração nas estruturas sociais, culturais e relacionais instauradas pelo campo da linguagem. Ao advir como sujeito de linguagem este se valerá de uma série de coordenadas simbólicas previamente inauguradas para enfim ocupar uma posição dentro desse campo. A posição desse sujeito na ordem simbólica implicará em como ele estruturará sua subjetividade e compreenderá o mundo a partir de sua realidade psíquica, mas que, como consequência de compreender, ficará alienado de seu próprio ser. Em *A instância da letra*, Lacan (1957/1988) diz que “o que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou brinquete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar” (p. 521). A alienação proposta por Lacan será a da inversão de uma lógica do *cogito* cartesiano “penso, logo existo”.

Fink (1998), ao abordar o conceito de *vel* da alienação tratado por Lacan em seu *Seminário II* como uma escolha dentre duas partes envolvidas em uma lógica ou/ou, em que “sempre se *exclui* a sobrevivência de uma das partes e sempre a mesma” (p. 73, grifo do autor), aponta para o sujeito e o Outro como as duas partes integrantes dessa escolha em que o sujeito sempre ocupará a posição de perdedor. E diz que “no *vel* de Lacan, os lados não são de modo algum equilibrados: na confrontação com o Outro, o sujeito imediatamente sai de cena” (p. 74). Ou seja, o Outro ao designar um lugar possível ao sujeito pelas vias da linguagem determinará também uma limitação

de sua estrutura e que nesse lugar “espera-se encontrar um sujeito, mas que, no entanto, permanece vazio. (...) o primeiro vislumbre do sujeito é justamente essa falta” (p. 74).

Bom, a falta a ser do sujeito, nas palavras de Lacan (1955/1987), “o desejo é uma relação de ser com a falta. Esta falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe” (p. 280) se demonstra justamente onde o significante se presentifica como uma suposição de sentido, uma vez que o sentido é designado pela linguagem. Lacan, em *A direção do tratamento* aborda o significante naquilo que se torna possível uma inovação do sujeito por meio da fala em análise, segundo ele:

Nossa doutrina do significante é, para começar, disciplina na qual aqueles a quem formamos se exercitam nos modos de efeito do significante no advento do significado, única via para conceber, que, ao se inscrever aí, a interpretação possa produzir algo novo. (p. 600)

Com isso, vemos a primazia do significante sobre o significado no que podemos esperar de uma operação simbólica no curso de uma análise, a de que o significante, em movimento, possa abrir novos sentidos aos destinos de um sujeito. O sentido produzido pela linguagem, ao estar sempre intrincado ao desejo torna-se ambíguo e abre ao sujeito a possibilidade de equivocar-se pelos seus próprios caminhos de sobredeterminação simbólica proveniente do Outro, conferindo assim, a possibilidade de que o sujeito trilhe por novas vias que transgridam o sentido, desviando-se assim da determinação do Outro. Veremos que essa lógica embasa a operação de separação, também responsável pela constituição do sujeito, cujo mecanismo e desfecho será tratado no capítulo 3.

Sendo o efeito da linguagem a causa do sujeito, o sujeito não pode ser a causa de si e não pode se reconhecer como tal – não tem consciência de seu advento: “O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é a causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde” (Lacan, 1964/1985, p. 849). Veremos que o “germe” de sua cisão é o que o sujeito buscará continuamente como um algo a mais fora do Outro, em sua busca de recuperar o que lhe foi arrancado, por assim dizer, justamente por conta de sua entrada no campo da linguagem.

Assim, a condição do sujeito como dividido vem como consequência do funcionamento da linguagem como tal, que o divide entre o eu e o inconsciente, que, nas palavras de Fink (1998) “o sujeito é dividido entre consciente e inconsciente, entre um sentido inevitavelmente falso de *self* e o funcionamento automático da linguagem (cadeia significante) no inconsciente” (p. 67). Dessa forma, o sujeito constituído pela operação de alienação da linguagem é barrado, dividido pela própria linguagem que o funda e que, como ser falante, é integrado pelas duas instâncias – consciente e inconsciente – que são separadas de forma radical.

Dunker (2016) também reflete sobre a não reciprocidade entre causa e efeito no ensino de Lacan ao abordar os limites de uma topologia da constituição do sujeito. De acordo com o autor, apesar de o sujeito ser demonstrável a partir de um efeito significante, sua causa “não é o próprio significante, mas o objeto *a*” (p. 110). Para o presente momento, basta que compreendamos o conceito de objeto *a* proposto por Lacan como um objeto faltante que representa a função de causa de desejo do sujeito. Veremos com maior profundidade o conceito no capítulo sobre 2, o Real.

Eidelsztein (2020) aponta para o conceito de sujeito na teoria de Jacques Lacan onde este “Não coincide nem com o indivíduo (biológico), nem com pessoa (social e histórica), nem com o cidadão (legal e político), nem com sócio (coletivo). No seu ensino, o analisante tampouco coincide com o sujeito, mas é apresentado como *parlêtre*” (p. 15). Ainda segundo Eidelsztein, *parlêtre* é um neologismo cunhado por Lacan para rejeitar o ser do “ser humano”, designando a importância da linguagem não como um instrumento a ser usado pelos humanos, mas sendo a linguagem a responsável por estruturá-los em uma ordem simbólica. Dessa forma, esse sujeito como causa de linguagem:

Não é o indivíduo biológico afetado pela linguagem, seu sujeito jamais pode ser produzido de matérias primas substanciais, como um corpo biológico (evolucionista), mas é criado (teoria criacionista); quer dizer, existe a partir do nada. Nada que pode ser equiparado ao fato de um significante não significar nada. (p. 17)

Dessa forma, se faz necessário a compreensão das condições que permitem a linguagem incidir em um nada, ou vazio, lugar onde ainda não consta nenhum sujeito, para então ser possível o desvelamento de um sujeito pelo efeito significante – que, por sua vez, nada pode significar por si só. Nossa leitura é de que há uma espécie de conjugação entre vazios que tornam possível um sujeito: na medida em que o advento do sujeito é contingente a uma falta real e que a manifestação do sujeito do inconsciente - como sujeito de linguagem - se dá pela relação intervalar entre significantes, esse intervalo é assegurado também por uma espécie de falta. Assim, nossa leitura aponta para o real habitando entre significantes, coexistindo em relação, em referência, ao longo da estrutura de um sujeito que se manifesta a partir dos efeitos

próprios da linguagem. O sujeito é estruturado pela linguagem, e essa estrutura se demonstra na medida que o sujeito advém pelos seus efeitos.

Sujeito aponta para um estatuto ontológico conferido pela linguagem: o sujeito é um acontecimento dos efeitos de linguagem, e esta não é inerente ao vivente. O ser humano nasce em uma condição de insuficiência em seu *savoir-faire* - não há saber inscrito no real do seu corpo biológico que o ordene pelo mundo. A falta do saber inscrito é abordada por Jorge (2000) com a noção de objeto faltoso para a espécie humana em referência à “falta estrutural de inscrição do objeto do desejo no inconsciente” (p. 35) e, assim, dessa falta de inscrição do objeto, o objeto figura-se como objeto faltoso, como objeto perdido. Jorge nos diz que “o objeto do desejo se inscreve como uma falta estruturante: *perdido para a espécie, o objeto é faltoso para cada sujeito*” (p. 36, grifo do autor). Essa falta de inscrição no real na existência equivaleria a uma condição de deficiência instintual, em oposição ao que ocorre na vida animal em que a vida é regida a partir de um registro de ordenação no próprio real, o instinto. No caso do humano, o real se apresenta como ausência, demarcando a falta desse instinto.

Jorge (2000) aponta para a elaboração freudiana da sexualidade partindo da premissa resgatada por Lacan de que no “cerne da sexualidade humana figura uma falta de objeto” (p. 139). Esse objeto em questão será indiferente à pulsão e que, a princípio, poderia ser qualquer objeto a ocupar esse lugar. Jorge ainda aponta para o fato de Lacan ter nomeado essa falta de objeto *a*, cuja descrição seria “apenas a presença de um cavo, de um vazio ocupável” (p. 139). Sendo assim, o objeto *a*, representando o objeto faltoso propriamente dito, demonstra sua intrincada relação com o real da falta que retira o humano da condição de animal instintual, para qual sua necessidade seria plenamente atendida por um objeto fixo e definitivo, e o torna

elegível à condição de sujeito pulsional, cujo objeto deverá ser sempre inventado, na medida em que o que há na posição do objeto – objeto *a* - é justamente o que demarca um cavo.

Essa relação real com a falta faz do objeto *a*, como aponta Jorge, não somente um objeto de desejo, como outro qualquer, mas a “causa da própria estrutura do desejo” (Jorge, 2000, p. 140). É a partir do objeto *a* que os objetos serão inventados em sua fundamental relação com o desejo. A questão do objeto *a* como causa, representando um vazio, é central para compreendermos o advento do sujeito, pois, se o sujeito surge como um efeito de linguagem, devemos admitir que essa linguagem incide em um plano onde há a possibilidade de uma criação de sentido, ou seja, um sentido é suposto.

O real, “como aquilo que ainda não foi simbolizado, resta ser simbolizado, ou resiste à simbolização” (Fink, 1998, p. 44), anterior à ordem simbólica, pode ser inferido como uma condição preenchimento total de um não-sentido – já que o sentido é decorrente do simbólico - e, que, justamente por ser total, não parece estar *a priori* suscetível à incursão do simbólico e nem sequer possibilitar ao Outro sua representação como lugar de linguagem. Esse real, abordado por Fink como “antes da letra, isto é, pré-simbólico” (p. 46) é, no entanto, atravessado pela linguagem, que parece operar uma espécie de furo nesse tecido de totalidade, oferecendo passagem ao advento de um sujeito. Esse furo, pensado por Fink como “o real após a letra” ou “um real gerado pelo simbólico” (p. 47) aponta para a ausência de um significante, ou seja, representa a impossibilidade do real ser totalmente simbolizado, condição necessária para dar passagem ao advento sujeito. E, dessa incompletude do simbólica surge a possibilidade da inauguração de um sujeito do inconsciente.



O vazio é o que caracteriza a condição do *infans*, “aquele que ainda não fala” (Jorge, 2005, p. 44) e que demarca a dependência indissociável ao Outro como lugar do ser falante representado pelo cuidador ou Outro parental que transmitirá toda uma trama de saber pelo simbólico (Soler, 2012). A falta de inscrição de um saber no real no *infans* é a condição necessária para que um novo tipo de inscrição - a do simbólico e que é representada pelo Outro - ocorra pelas tramas da linguagem, inaugurando o advento de um sujeito. A linguagem prediz o sujeito por possibilitar a manifestação de suas necessidades pelos efeitos dos significantes, como nos aponta Lacan (1964/1985) em a *Posição do Inconsciente* “Pois sua causa é o significante, sem o qual não haveria nenhum sujeito no real” (p. 849).

O significante proporcionado pelo Outro atinge a falta para produzir um efeito de sujeito, como uma operação fundante “do sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro” (Lacan, 1964/1985, p. 202). Essa falta primordial, demonstrada por Lacan, trata-se da falta da própria sexualidade como inscrição ou representação no psiquismo humano, que podemos deduzir ser a falta de um significante que represente a sexualidade como um saber. Dessa forma, “a sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta” (p. 201). A linguagem proporciona ao sujeito a possibilidade da invenção de um saber sobre sua falta, mas que em um primeiro momento essa invenção é herdada pelo Outro – que representa o saber que aliena o sujeito.

Lacan (1964/1985) aponta para duas faltas consequentes a esse furo de inscrição da sexualidade humana como a ausência de um saber, sendo que a primeira falta remonta à posição do sujeito em sua relação com o Outro “pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro”. Essa falta, que promove uma busca do sujeito no simbólico como um indício

da representação sexual no Outro, retoma à outra falta que antecede ao advento do significante “real, anterior, a situar no advento do vivo (...), na reprodução sexuada” (p. 201).

Assim, o sujeito de linguagem está fundado sob a falta inaugural de um saber, e a ausência desse significante acusará o que está fora da linguagem, o real. Sendo o real o que também designará a dimensão da morte, “pelo fato de ele ser apenas um ser vivo sexuado, e não mais ser imortal” (Lacan, 1964/1985, p. 201). O real é o vazio em que o Outro se valerá como um espaço para se presentificar, na tentativa de inscrever um saber em um vazio de saber. Assim, o Outro, como lugar de linguagem, cumprirá a função da primeira invenção de um saber. Porém, não será capaz de recobrir todo o real por meio da linguagem por essa ser incompleta, não-real. Assim, o Outro também seria incompleto em sua estrutura de linguagem.

Lacan ao apontar que, “o lugar” e o “campo (...) onde o sujeito tem que aparecer”, designa uma relação entre sujeito e pulsão, situando-os sob um mesmo efeito: sujeito e pulsão se valem das trilhas das significantes, sem que se equivalham à linguagem, pois nem o sujeito, nem a pulsão são a linguagem. O sujeito é uma invenção, possível graças ao Outro e que se manifesta por meio da pulsão. O Outro, segundo Lacan (1964/1985), é:

O lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder se presentificar do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. Eu disse – é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão. (p. 200)

Caso o Outro fosse total, o sujeito seria uma impossibilidade, uma vez que sua demonstração se dá pelos efeitos de significantes que podem significar algo ao

estarem em relação em determinada cadeia de significação e, por isso, não representarem significados inalteráveis. Apenas “não-todo sujeito pode estar presente no Outro. Sempre há um resto” (Laurent, 1995, p. 36), o que torna possível um sujeito na inconsistência do Outro, como possibilidade de invenção. Laurent ainda afirma que “as pulsões não podem ser representadas como o Outro por inteiro. As pulsões são apenas parciais, como diz Freud, e Lacan reinterpreta isso ao dizer que a lógica do todo não pode aparecer no Outro” (p. 36). Assim, a linguagem é insuficiente para realizar o sujeito pulsional, que não pode ser totalmente convertido em simbolização. Da mesma forma que o real escapa de uma simbolização total, o sujeito escapa da linguagem pelas vias da pulsão, que é o representante vivo do real do sujeito. Como vimos, o sujeito deve aparecer a partir da cadeia significante, de modo que não se reduz a própria cadeia e isso se deve à pulsão. A pulsão extrapola a cadeia significante e a excede justo no que tem de relação com o desejo: a falta.

É patente a relação entre as instâncias do simbólico e do real para a origem de um sujeito. Fink (1998) aponta para o corpo como que subjugado pela linguagem, no sentido que há uma passagem de um corpo biológico para um corpo escrito por significantes, como podemos ver em “O vivente (*le vivant*) – nossa natureza animal – morre, e a linguagem surge em seu lugar, vivendo-nos.” (p. 30) e assim, o biológico dá lugar a uma outra estrutura que reorganiza seu sentido enquanto corpo de linguagem, como aponta o autor “O corpo é reescrito, ... a fisiologia dá lugar ao significante, e todos os nossos prazeres corporais acabam por implicar/envolver uma relação com o Outro” (p. 30). A entrada da criança no campo da linguagem é capaz de transformar o real de seu corpo por meio de uma operação simbólica, que, seguindo ainda a proposta de Fink “o simbólico pode ter um impacto no real, cifrando e dessa

forma transformando ou reduzindo-o” (p. 45), mas que a “a linguagem nunca suga tudo do real para dentro da ordem simbólica; fica sempre um resto” (p. 45).

Assim, nossa leitura é que o Outro bombardeia o real em sua bateria de significantes gerando as fissuras necessárias para abrir espaços para a criação de estruturas, fronteiras e passagens em uma espécie de arquitetura simbólica. Em um primeiro momento, tal arquitetura é proveniente do Outro, proporcionando uma passagem para o sujeito integrar as relações simbólicas, mas caberá ao sujeito a criação das passagens pelo real que o permitam transitar para além dos destinos herdados e fixados pela anterioridade lógica do Outro. Grosso modo, o registro que escapa aos significantes continua sendo o real – porém agora estabelecido relação à ordem simbólica que lhe faz fronteira. Assim, o ponto onde há a inscrição do simbólico, não há mais o real como em um estágio anterior à letra – onde a letra se inscreve, parte do real desaparece pela presença simbolizadora do significante – porém, escapa-se um resto de real, não eliminável pelo significante.

A princípio, podemos refletir sobre uma espécie de tentativa do Outro em eliminar o real, impulsionando significantes com o objetivo de simbolizar o real que inevitavelmente escapa ao significante em uma espécie de batalha inglória do Outro. Porém, de onde vem esse impulso? De certa forma, se o Outro está impelido em anular o real com sua bateria de significantes, seria como anular o vazio intervalar que permite a passagem do sujeito como um efeito significante pelo real. Em outras palavras, o Outro como a causa do sujeito teria como objetivo a sua eliminação pela tentativa de prover um significante derradeiro. Apesar de parecer apenas uma conclusão improvável dentro de uma possibilidade lógica, já é suficiente para que o sujeito se organize como uma defesa para que seu ser prevaleça: a partir do sintoma, o sujeito pode fundar-se entre dois impossíveis: a linguagem e o real. Assim, o sintoma

pode ser concebido como uma tentativa do sujeito em garantir a existência de seu ser para além do sentido do Outro.

Retomando a noção do Outro como lugar, Soler (1997) diz que, “o Outro como lugar da linguagem – o Outro que fala -, precede o sujeito e fala sobre o sujeito antes de seu nascimento. O sujeito não é uma substância: o sujeito é um efeito do significante” (p. 56). A criança, assujeitada à linguagem faz sua entrada em um mundo de significações regido pelas relações entre significantes provenientes do Outro. Essa criança, ao inaugurar sua entrada dentro da ordem simbólica como sujeito da linguagem o faz então a partir de uma posição que é demarcada por significações que a precedem e por isso, a aliena ao Outro. Assim, “o sujeito como tal só pode ser conhecido no lugar ou *locus* do Outro” (Laurent, 1997, p. 34). Trata-se de uma alienação conferida por uma posição na cadeia discursiva.

Dessa posição, onde o sujeito encontra-se submerso pela linguagem e amparado pelo sentido ele “desliza para baixo ou para trás do significante, sendo seu único traço um marcador de lugar ou sinal na ordem simbólica” (Fink, 1998, pp. 62-63). Disso, subentende-se que, como marcador de lugar, o sujeito nada é senão um apagamento pelo significante que o denota. Vimos que o significante tem esse peso sobre o real, mas que o real subsiste simultaneamente à letra na medida em que não pode ser totalmente simbolizado. Assim estrutura-se o sujeito, também fundado sob o real, mas que somente torna-se demonstrável a partir de um efeito simbólico. Lacan nos aponta para o desaparecimento do próprio ser do sujeito em função do sentido, em função da ação “petrificante” do significante. Lacan, em seu *Seminário 11: os quatro conceitos*, nos diz que:

O significante, produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito. (p. 203)

Ainda no mesmo seminário, Lacan nos diz que “a relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância” (p. 202), o que nos faz retomar à ideia de intervalo inevitável entre um significante e outro, promovendo a significação como efeito de cadeia – onde um significante se relaciona com outro, por efeitos de retroação e antecipação. Por conta do vazio intervalar entre os significantes, ao qual demarca-se o real, tornam-se inviáveis as sobreposições dos significantes - que caso acontecessem, eclipsariam totalmente o sujeito. A hiância garante ao sujeito o espaço para que ele possa surgir como efeito, de modo que a presença do real ao longo da cadeia significante é condição para o aparecimento de um sujeito como um efeito do deslocamento da cadeia.

Eidelsztein (2020) ao falar sobre o sujeito dividido como um efeito de alienação aponta para a posição desse sujeito “entre dois significantes e sua localização no intervalo entre eles, impedindo ser um ou outro” (p. 20), dessa forma, podemos admitir o intervalo como uma espécie de proteção do sujeito do “fator letal do significante” (p. 21). Proteção, pois o intervalo admite ao sujeito a possibilidade de um deslocamento entre os significantes, não sendo apagado definitivamente por suas incidências. Assim, sua divisão é sua condição de “entre” significantes garantindo a sobrevivência do seu ser na ordem simbólica. Ainda, sua condição intervalar permite que o sujeito transite entre os significantes, podendo demonstrar-se a partir de diferentes tramas de cadeias.

O sujeito, assim, se demonstra a partir de seu movimento, escapando em cada novo impulso do encontro definitivo com o significante e lançando sua passagem a outro significante, refletindo uma transitoriedade. Fink (1998), aborda o significante como o que toma o lugar do sujeito no discurso quando ele se efetua como tal: “o que ele disse usurpa seu lugar, o significante o substitui, ele desaparece” (pp. 62-63) e ainda, “esse significante toma o lugar do sujeito, ocupando o lugar do sujeito que agora desapareceu” (p. 63). Dessa forma, Fink defende que o sujeito deve realizar-se em movimento, em que sua condição de divisão é a possibilidade de se descolar na alienação, impulsionando-se como movimento: “a divisão é, em certo sentido, a condição da possibilidade de um sujeito e o deslocamento intermitente parece ser sua realização” (p. 70).

Fink (1998) ainda aponta para o sujeito como “sujeito não é senão essa própria divisão” (p. 67) entre o eu e o funcionamento automático da linguagem, o inconsciente, e aponta que “Lacan nunca faz do inconsciente uma instância; este permanece um discurso divorciado do consciente e do envolvimento subjetivo – o discurso do Outro” (p. 64) abordando para a divisão constitutiva do sujeito. Sendo essa divisão um produto do funcionamento da linguagem, Eidelsztein (2020) aponta para a alienação como um efeito do surgimento do sujeito extraindo do Outro a possibilidade de “fenômenos significantes” (p. 18). Essa divisão do sujeito pode ser compreendida pela banda de *Moebius*, cuja superfície possui dois lados, em que quando lado aparece, o outro se esconde. Uma superfície de dois versos: onde o inconsciente desponta, o eu não o assimila e quando o eu está em sua frágil manifestação, o inconsciente é negado.

O eu, no entanto, parece corresponder à antítese de movimento para Lacan (1953/1986) que chega a denominá-lo como uma espécie de sintoma privilegiado,

como se segue “por outro lado, ao contrário, todo o progresso dessa psicologia do eu pode resumir-se nestes termos – o eu está estruturado exatamente como um sintoma. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem” (p. 27). Muito embora nesta altura de seu *Seminário I*, Lacan buscava anunciar as ambiguidades de interpretação dos analistas da época em suas concepções sobre o ego – criticando a ênfase no eu como meta de análise –, a relação entre o eu e o sintoma torna evidente o eu como um lugar privilegiado de conflitos das forças que emergem no funcionamento do sujeito. Lacan segue dizendo que “o eu se constrói, se situa no conjunto do sujeito, exatamente como um sintoma. Nada o diferencia disso.” (p. 27).

## 1.2 Registro do imaginário e a formação do eu

*Mas uma coisa é o pensamento, outra é o ato, e ainda outra, a imagem do ato.*

*A roda da causalidade não gira entre eles.*

*Uma imagem fez empalidecer esse homem pálido.*

*Ele era da mesma altura de seu ato, quando o realizou; mas não suportou a imagem depois de realizado.*

*Desde então sempre se viu como autor de um único ato.*

*A isso chamo de loucura: a exceção se converteu em essência para ele.*

*Friedrich Nietzsche*

Lacan conjuga a dimensão do imaginário, do simbólico e do real como os três registros que, juntos, serão estruturantes da subjetividade humana. A dimensão do imaginário está intrinsecamente relacionada à operação de alienação na formação e constituição do eu, construído dentro do campo do sujeito a partir de uma relação com a alteridade. O registro do imaginário representa principalmente o campo das imagens



e identificações ao qual Lacan associa ao estágio ou fase do espelho, o relacionado à formação do eu.

Porge (2006) nos indica que “o estágio, ou a fase do espelho, é a ‘vassourinha com a qual [Lacan] entrou na psicanálise. Ele renova as teorias do eu [moi] – recusando qualquer concepção que tenda a fazer do eu uma instância de conhecimento do real – e funda a dimensão do imaginário. (...) longe de ser aparelho de conhecimento, o eu é o lugar do des-conhecimento e da *Verneinung* (denegação)” (p. 67). Adiante, o autor explica que:

O estágio do espelho é uma experiência, um *Aha-Erlebnis* (vivência de descoberta), que ocorre na criança entre os seis e dezoito meses, quando ela encontra “sua” imagem em um espelho. (...) É um acontecimento que produz uma identificação primária, isto é, uma transformação do sujeito, uma metamorfose do indivíduo com seu semelhante. ... e aliena-o a uma imagem mais ou menos fixada, a algo exterior a ele. O sujeito antecipa em uma miragem a maturação de sua potência, seu eu se constitui como uma ficção. (p. 69)

Para nosso objetivo, apontaremos inicialmente a relação da alienação com o eu - formado a partir de uma sobreposição de enganos - que ocupará o lugar ou posição de sede de desconhecimento do sujeito. A imagem especular fixa o sujeito em um tempo que não mais subsiste pela imagem. Porge (2006) diz que “a criança busca um reconhecimento da imagem em que ela *já estava*. Não subsiste nela senão esse ser cujo advento só é apreendido ao não ser mais” (p. 76).

Eagleton (1983/2019) reflete sobre essa imagem no espelho como sendo alienada, pois “a criança reconhece-se nela de maneira imperfeita, encontra na

imagem uma unidade agradável que de fato não sente em seu próprio corpo” (p. 247). Essa falta de sensação de unidade da criança em relação a seu corpo é apontada pelo autor a partir da leitura que faz de Freud no estágio inicial do desenvolvimento da criança, de modo que nessa fase de desenvolvimento, sujeito e objeto são inseparáveis do ponto de vista da experiência da criança: a criança e o mundo que lhe circunda estão fusionados. Eagleton ainda aponta que é nesse estado do ser que Lacan situa a dimensão do imaginário. O autor prossegue, “o imaginário, para Lacan, é precisamente esse reino das *imagens*, no qual fazemos identificações, mas que, no próprio ato de fazê-las, somos levados a ver mal, e a conhecer mal, a nós mesmos” (p. 247).

Podemos conceber, assim, o imaginário como um espaço, ou lugar, que nos valemos para nos identificarmos com as imagens e nos apresentarmos como tal, mas que, como o autor aponta, o fazemos a partir de um certo desconhecimento, de uma certa incerteza. Segundo Jorge (2000),

O estágio do espelho é, para Lacan, o momento inaugural de constituição do eu, no qual o *infans*, aquele que ainda não fala, prefigura uma totalidade corporal por meio da percepção própria da imagem no espelho, percepção que é acompanhada do assentimento do outro que a reconhece como verdadeira. O eu é, assim, descrito por Lacan como essencialmente imaginário. (p. 45)

Nesse ponto é importante destacar que a criança, que ainda prescinde de uma organização motora, obterá com essa imagem refletida pelo espelho um retorno unificado de si, mesmo que de forma enganosa: pois o reflexo da imagem no espelho se dará de forma invertida.

A criança terá na sua imagem revelada no espelho uma espécie de contraponto importante para sua sensação caótica derivada da indefinição das fronteiras que não se efetua como corte entre a criança como sujeito e a mãe como objeto. A imagem formada pelo espelho, ao dar definição à criança com seus contornos, representará para ela uma espécie de ideal à qual a criança buscará incorporar. Todavia, essa imagem por ser inatingível, criará um descompasso, uma fratura entre o que a criança vê como imagem e o que ela sente em seu conjunto de sensações e afetos. O imaginário, por consequência, se efetuará também como uma sede de frustração, descompasso.

Da frustração, podemos pensar no eu como um lugar de conflito onde este, construído no interior do sujeito, torna-se sede de tensões justamente por se constituir a partir de elementos externos – a imagem no espelho, o assentimento do Outro parental sobre a veracidade da imagem em representar a criança etc. – que não são representativos das forças que emergem do núcleo do próprio sujeito, que, como veremos, está relacionada à pulsão e seus destinos e que são alheios à consciência. Desse eu como sede de frustrações e conflitos, Lacan em seu *Seminário I: os escritos técnicos de Freud* chega a eleger o eu como sintoma por excelência: “no interior do sujeito, não é senão um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem” (p. 27).

O Outro, como representante da ordem simbólica, ocupará uma posição de anterioridade no reconhecimento da imagem da criança refletida no espelho como sendo de fato dela, na medida em que a percepção “é acompanhada do assentimento do outro que a reconhece como verdadeira” (Jorge, 2005, p. 45) e assim, a criança se valerá dessa posição garantidora do Outro para tomar para si o reconhecimento de sua própria imagem no espelho.

Nossa leitura é que se efetua assim uma espécie de autorização simbólica para que o imaginário seja de fato instituído e que, dessa autorização, decorre uma determinada posição simbólica empregada pelo Outro à criança alienando-a em uma específica condição de percepção da própria imagem, “em outros termos, é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (Lacan, 1954/1986, p. 187). Assim, parece prevalecer a autonomia da ordem simbólica em relação ao imaginário, paralelo importante para compreendermos como Lacan proporá a direção do tratamento em uma espécie de submissão do eu aos processos inconscientes, dando ênfase, portanto, à linguagem e seus efeitos.

Assim, dessa travessia do imaginário ao simbólico, Fink (1998) aponta que “o eu (...) equivale a um objeto fixo e retificado com o qual a criança aprende a se identificar” (p. 56). O autor ainda aponta que “tais imagens são investidas e internalizadas pela criança porque seus pais atribuem muita importância a elas” (p. 57) e que por isso as “imagens derivam de como um Outro parental ‘vê’ a criança e são, portanto, estruturados linguisticamente” (p. 57). É fundamental que a criança possa se valer de um eu que a balize pelo mundo, propiciando uma espécie de apoio para lançá-la por um mundo simbólico que se reatualiza em desconhecimento. Mas cabe salientar que o eu possui apenas um sentido fictício, tomado como função de objeto de identificação.

Dunker (2019) aponta para a linguagem no que ela reflete de problema central, usando como referência o texto de Lacan *O estádio do espelho como formador da função do eu [je]*. Dunker aponta para a linguagem como o universal do qual o sujeito advém como singular e diz a “materialidade da imagem, a sua forma objetiva que

interessa a Lacan. Os atos de linguagem são a forja ou força indutora de uma transformação que ocorre no sujeito quando ele assume uma imagem, quando ele realiza simbolicamente uma imagem” (p. 18). Lacan (1949/1988) nos diz que “(...) a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (p. 97).

A imagem “só comunica porque o próprio corpo já absorveu as significações do discurso, porque ele é fabricado pelo discurso” nos diz Soler (2016, p. 25). Sendo esse discurso representado pelo Outro que possui a prerrogativa na fabricação de significações: por ser antecedente ao sujeito, é do Outro que parte o discurso que será absorvido pelo sujeito. A questão é que esse Outro que estrutura linguisticamente a internalização das imagens especulares da criança e outras imagens, o faz também a partir de uma série de equívocos, na medida em que, apesar de representar o Outro enquanto lugar de linguagem, ele também é um outro semelhante, alguém que também ascendeu ao lugar de linguagem a partir de uma estrutura simbólica anterior a ele. Esse outro está submerso pela dimensão de seu desejo, que, estruturado pela trama da linguagem o transforma, provocando múltiplos efeitos de significação.

Fink (1998) aponta para o surgimento do eu como uma espécie de “cristalização ou sedimentação de imagens ideais, equivalente a um objeto fixo com o qual a criança aprende a identificar” (p. 56) e que “tais imagens derivam de como o Outro parental ‘vê’ a criança e são, portanto, estruturados linguisticamente. Na realidade, é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens especulares e de outras imagens” (p. 57) e complementa, ao dizer que “essa cristalização de imagens que permite ‘um sentido único do eu [...] e uma grande parte de nossas tentativas de ‘compreender’ o mundo ao redor de nós envolve a justaposição do que

vemos e ouvirmos com essa autoimagem internalizada” (p. 57). É dessa internalização, o autor aponta, que surge o falso *self*, na medida em que a criança forma seu eu a partir de uma série de equívocos: seja a partir de uma sua imagem “falsa” refletida no espelho – por se tratar de uma imagem invertida de si mesma, seja pelos ideais incorporados a partir do Outro em uma comunicação invariavelmente equívoca, polissêmica ou ambivalente.

Soler (2012) aponta para o fato de que a imagem “só comunica porque o próprio corpo já absorveu as significações do discurso, porque ele é fabricado pelo discurso” (p. 25), em que o corpo biológico é então reescrito por uma lógica de linguagem, passando a comunicar por um efeito dos significantes. Em outro momento, Soler (1997) ressalta o fato de que o “Outro precede o sujeito. O Outro como lugar da linguagem – o Outro que fala – precede o sujeito antes de seu nascimento. Assim, o Outro é a primeira causa do sujeito. ... o sujeito é um efeito do significante” (p. 56). Assim, propomos a leitura de que a criança ao assumir uma imagem, o faz a partir de uma realização languageira que a baliza simbolicamente no campo do Outro, ainda que de forma a desconhecer seu lugar nessa ordem. Tal desconhecimento pode ser abordado pela identificação, própria da alienação, à qual a criança é alienada à imagem no que ela é capaz de propiciar de identificação na ordem simbólica precedida e disposta pelo Outro, assim Faria (2019) nos diz que “a identificação não é com a imagem, mas com o significante, destacando o limite da linguagem nessa operação” (p. 21).

Suporemos o imaginário como a função estruturante que faz face à desordem ou não-senso do real, sendo o real uma dimensão alheia e anterior ao simbólico, anterior à linguagem. O imaginário assim, antagoniza o real propiciando um sentido ao sujeito, ainda que em excesso e em equívoco. O sujeito então transita entre duas

dimensões opostas que só poderão ser mediatizados pelo simbólico, como apontado por Jorge (2000) que nos aponta que o lugar do sujeito falante é “produzido pelo simbólico, que permite mediatizar a relação com o real, por um lado, e com o imaginário, por outro” (p. 99) e para a função da análise como o que “opera no simbólico, seja caminhando do imaginário para o real, seja, ao contrário, caminhando do real para o imaginário” (p. 100).

Jorge (2000) explica a distinção entre o eu e o sujeito a partir da distinção entre o imaginário e o simbólico, ressaltando que “A unidade obtida no eu não o é jamais no nível do sujeito, pois este é sempre dividido, conflitivo, impossível de se identificar de modo absoluto” (p. 46). De acordo com o autor, o sujeito torna-se dividido a partir de sua entrada na linguagem e sua divisão decorre de sua separação inicial com o corpo da mãe à qual tinha uma intrincada sensação de completude.

O significante é o elemento que corta esse estado fusional, real e total, e lança o sujeito no incompleto mundo simbólico, “como um efeito da inscrição do ser no campo da linguagem” (Faria, 2019, p. 24), dividido o sujeito por meio da operação de alienação. Faria ainda aponta que “a alienação no campo da linguagem deixa um resto” (p. 24) representando o que desse ser escapa à inscrição da linguagem, como uma espécie de perda inerente à alienação e que, “O objeto *a* será o conceito que marca o lugar dessa perda, delimitando a articulação lógica entre o resto da operação de alienação e a função de causa, definida pela operação de separação” (p. 25). Assim, com a alienação, o sujeito despontará a partir de uma divisão fundamental entre seu ser e o sentido – como efeito de linguagem – e, dessa operação, despontará o objeto que refletirá o efeito de uma espécie de completude mítica de um tempo anterior à alienação e que não poderá mais ser retomado pela criança: o objeto *a* ao qual Lacan

designa como objeto responsável pelo “[sentimento de] completude falaciosa” em seu *Seminário 12*, de 16 de junho de 1965.

Lacan (1964/1985) aborda a divisão do sujeito pela entrada na linguagem como a condição de seu inconsciente, nos diz “(...) lhes falei do inconsciente como do que se abre e se fecha, é que sua essência é de marcar esse tempo pelo qual, por nascer com o significante, o sujeito nasce dividido” (p.194). Entendemos que o sujeito é dividido como consequência à sua entrada no mundo simbólico e da incorporação de suas estruturas. Ou seja, que a ordem simbólica é representada pelo Outro, cuja estrutura é fundada em torno de um vazio, de uma falta que aponta para sua incompletude. Se pelo registro imaginário a criança pôde experimentar um senso de completude a partir de sua imagem unificada no espelho, é conjugando-se com a ordem simbólica que se tornará sujeito estruturado, porém, a partir de uma incompletude simbólica do Outro. Assim, sua entrada no campo do sentido o aliena de seu ser, estabelecendo-se como sujeito faltante.

Dessa posição demarcada por uma falta, o sujeito como efeito de linguagem e marcado pela radical divisão entre o eu e o inconsciente, comunica sua falta como uma mensagem criada por meio do sonho, do sintoma, ou por meio de outra formação do inconsciente ao qual Freud, segundo Soler (2012), tenta responder ao que essa mensagem visava suprir. Soler nos diz “o inconsciente trabalhador (...) tem por empreender um desejo que vai se realizando nessas formações, isto é, que está em posição de causa do falar do inconsciente” (p. 48). Ou seja, uma formação do inconsciente, a exemplo do sintoma, tem por função a realização de um desejo, na medida em que “O desejo designa a potência de uma falta” (p. 59) e que este pode ser lido, embora “nunca totalmente elucidável” (p. 48) e acessado em sua estrutura de



mensagem, cuja transmissão visa suprir a falta intrínseca à inscrição do ser do sujeito no campo do Outro.

Em *A direção do tratamento*, Lacan aborda o desejo do sujeito, como uma espécie de condição “imposta pela existência do discurso, de que ele faça sua necessidade passar pelos desfilamentos do significante” (p. 634), demonstrando a relação entre desejo e inconsciente e tendo sua estrutura fundada radicalmente na linguagem e no funcionamento de suas leis (p. 600). Disso resulta que, para se interpretar o desejo, é preciso compreender o desejo como o que “se produz no para-além da demanda” (p. 635), ou seja, naquilo que do desejo do sujeito aponta para sua falta-a-ser, na sua intrínseca relação com sua falta instaurada por sua entrada no campo do Outro, mas que não lhe pode ser respondida por esse discurso estranho, Outro.

A relação do sujeito com sua falta, com o resto destacado da inscrição simbólica confere ao objeto *a* o “estatuto de resto, efeito da inscrição no campo da linguagem, ... como objeto causa do desejo” (Faria, 2019, p. 21) sendo esse objeto *a* “utilizado por Lacan para lembrar que a estrutura de linguagem do inconsciente inclui o real como causa” (p. 21) para assim deduzirmos o desejo a partir daquilo que do sintoma se estrutura como formação do inconsciente organizada como linguagem em sua relação com falta-a-ser do sujeito.

Em *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan aborda o sintoma estruturado como linguagem, na medida em que a palavra é capaz de transformá-lo, liberá-lo, assim, nos diz “(...) já está perfeitamente claro que o sintoma se resolve por inteiro numa análise languageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser liberada” (p. 270). Assim, o sintoma se valerá

dos mesmos elementos constitutivos do inconsciente para se estruturar e transmitir sua mensagem. Assim, para Lacan (1964/1985) “o inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p. 147).

### **1.3 Registro do simbólico e o inconsciente estruturado como uma linguagem (Lacan, 1964)**

A trajetória do conceito de sintoma ao longo da obra de Jacques Lacan passa por desenvolvimentos com diferentes ênfases: desde uma proposta associativa em que o sintoma representará um enigma, uma mensagem, estruturado em uma cadeia significante; à intricada relação com a dimensão do real, onde apontará para seu caráter de gozo; à sua concepção de criação, ou invenção (Ocariz, 2007). Ao longo do presente trabalho, buscaremos associar o sintoma aos conceitos fundamentais que o organizam dentro de uma teoria e orientem a direção do tratamento analítico. Para a compreensão inicial da relação entre alienação e sintoma é importante tomarmos nota que, para Lacan (1964/1985) ambos são efeitos – e feitos – de linguagem. O sintoma, como formação do inconsciente, tem uma estrutura languageira que veicula uma mensagem inconsciente – também tecida de linguagem – do desejo do sujeito.

Abordaremos a hipótese de que há uma relação fundamental entre alienação e sintoma atribuída à entrada do sujeito na ordem simbólica. Veremos que os sintomas são expressões de linguagem que comunicam o desejo e seus conflitos consequentes à posição que o sujeito ocupa em determinando momento na estrutura simbólica que

gera possibilidades e impossibilidades de sua realização. Assim, Lacan (1955/1988) em seu seminário sobre as psicoses, diz que “todo fenômeno analítico, todo fenômeno que participa do campo analítico, da descoberta analítica, daquilo que lidamos no sintoma e na neurose, é estruturado como linguagem.” (p. 34).

A origem do sujeito está intrinsecamente atrelada à operação de alienação, partindo em um primeiro tempo do Outro. Seus efeitos pela designação lógica do Outro em sua anterioridade na concepção do sujeito impactam esse sujeito em sua posição discursiva. A alienação, em sua estrutura discursiva, aponta para o desconhecimento do sujeito em reconhecer a posição de onde fala quando se dirige a alguém, ou quando o sujeito conhece demais aquele a quem dirige sua fala, tornando-se um objeto de conhecimento, conforme Dunker (2016). Com isso, a alienação será abordada como uma questão de posição e tempo ocupada pelo sujeito na medida em que surge como um efeito significativo.

Segundo Quinet (2000), significativo é um termo da linguística absorvido por Lacan, que fora tratado pelo linguista Saussure como a representação psíquica de um som esvaziado de sentido e sem nenhum significado próprio. Quinet ainda aponta o significativo como a possibilidade da operação do inconsciente em si, que graças à proposta de Jacques Lacan, em dar prevalência do significativo ao significado para a produção de significações, novos sentidos podem empreendidos por um sujeito falante que possam desviar das significações que o precedem. Assim, ao falar, o sujeito pode alçar novos sentidos que serão produzidos, sendo, de acordo com o autor, que “o significado nada mais é que outro significativo, que, junto com o primeiro, produz efeito de sentido” (p. 37). Dessa conjunção entre significantes sempre suporemos uma significação, assim como suporemos um sujeito que se manifestará pelo efeito de uma cadeia significativa que estrutura seu inconsciente.

A relação entre sintoma e inconsciente é patente, na medida em são ambos estruturados como linguagem. Lacan (1955/1987) aborda em seu *Seminário 2* o sintoma como uma significação inserido no jogo significante, onde diz:

O que lhes ensino é apenas a expressão da condição graças à qual aquilo que diz Freud é possível. Por quê? Pergunta o senhor. Porque o sintoma é em si mesmo e de ponta a ponta, significação, ou seja, verdade, verdade posta em forma. Ele se distingue do início natural pelo seguinte – ele já está estruturado em termos de significado e significante, com o que isso comporta, ou seja, o jogo de significante. No próprio interior do dado concreto do sintoma já existe precipitação num material significante. O sintoma é o avesso de um discurso (p. 399).

Quinet (2000) ao abordar as propriedades dos significantes em suas características fundamentais que nos permitem associá-los ao inconsciente, diz que “o desvelamento da posição do significante na cadeia associativa é o que constitui propriamente a decifração do inconsciente” (p. 43). Assim, a primeira propriedade que o autor estabelece é o da oposição entre significantes, pois a partir da sua posição poderemos supor quais são as produções de sentido do inconsciente: o que define um significante é sua posição em relação a outro significante. Outra propriedade do significante é sua “topologia de ordem fechada” (p. 41), em que essa ordem se manifesta a partir da articulação significantes a partir das leis da linguística conhecidas por metáfora e metonímia. Freud em o *Chiste e sua relação com o inconsciente* já havia ressaltado a importância fundamental da posição do significante para que seja possível compreender à qual mensagem o inconsciente se vale, e nos diz que “a vitória se deve à posição, seja nos guerreiros ou nas palavras” (p. 29).

Em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan aborda a metáfora e metonímia como as duas vertentes do campo do significante em suas produções de sentido. Lacan diz que “de palavra em palavra, em conexão, que se apoia a metonímia” (p. 509) e, ao abordar a metáfora, a aborda como uma centelha criadora ao diz que:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota de dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia (p. 510).

Lacan, em *Do sujeito enfim em questão* aponta aborda a articulação significante como a possibilidade de se acessar a verdade transmitida por um sintoma ao nos dizer que “diferentemente do signo, da fumaça que não existe sem fogo, fogo que ela indica como o apelo, eventualmente, de que seja extinto, o sintoma só é interpretado na ordem do significante” (p. 235). Assim, Lacan ao introduzir em sua teoria os conceitos do campo da linguística como a metáfora e a metonímia, o faz a partir dos efeitos de significação que são aplicáveis à lógica da formação dos sintomas como oriundas da estrutura da linguagem. Ainda, Lacan nos diz que “O significante só tem sentido por sua relação com outro significante. É nessa articulação que reside a verdade do sintoma” (p. 235), assim apontando para a importância da fala, onde o sujeito ao conjugar a palavra, a transforma em significante, que, em cadeia de significação revelará a verdade ao qual o sujeito se veicula.

A aplicação desses dois princípios da linguística põe ênfase no sintoma enquanto mensagem constituída a partir de determinadas leis, ou seja, que operam a

partir de determinadas regras e que são mensagens vinculadas a partir de uma história intransferível daquele sujeito. Na medida em que um significante só produz efeito de mensagem a partir da sua articulação com outros significantes, o sintoma, como uma formação do inconsciente e estruturado em linguagem, é capaz de transmitir uma verdade como “aquilo que se instaura a partir da cadeia significante” (Lacan, 1966/1988, p. 235).

Quinet (2000) aponta para a formação do inconsciente como sendo constituído a partir da sobredeterminação de relações de cadeias significantes que se conectam entre si a partir dos significantes que lhe são comuns. O autor nos diz que “a simultaneidade de pertencimento de um mesmo significante a mais de uma cadeia lhe confere uma propriedade fundamental não só para a constituição de sintomas, como também para a técnica analítica no que diz respeito à interpretação. Trata-se da equivocidade.” (p. 41).

Em seu *Seminário 3*, Lacan (1956/1988) aponta o sintoma como “sempre fundado na existência do significante como tal” (p. 140) e, ao tratar da proposta de sobredeterminação inconsciente, se valerá dos mesmos princípios norteadores que regulam a dinâmica dos significantes. Desse modo, para Lacan, o inconsciente como uma estrutura de linguagem refletirá as regras de uma língua, em como os elementos da língua se organizam para gerar um sistema simbólico. Dessa forma, o papel da linguagem, como ordem simbólica é a de moldar o inconsciente em uma estrutura, que, como tal, representará uma sobredeterminação em seus efeitos, não como um fator isolado, mas como um conjunto de regras e leis que ordenam seu funcionamento.

Assim, de acordo com Quinet (2000) se o inconsciente é estruturado a partir de múltiplas cadeias que se relacionam a partir dos significantes em comum, a compreensão dos significados ou motivações de um indivíduo estão rigorosamente relacionados por determinações multifacetadas. Lacan (1956/1988) diz que:

A doutrina de Freud é tão assim que não há outro sentido a ser dado a seu termo sobredeterminação, e à necessidade que ele pôs de que, para que haja sintoma, é preciso que haja ao menos duplicidade, ao menos dois conflitos em causa, um atual e um antigo. Sem a duplicidade fundamental do significante e do significado, não há determinismo psicanalítico concebível. O material ligado ao conflito antigo é conservado no inconsciente enquanto significante em potencial, significante virtual, para ser tomado no significado do conflito atual e servi-lhe de linguagem, isto é, de sintoma. (p. 140)

O sintoma, dessa forma, é tomado como um significante que como tal só produzirá efeito quando em relação com outro significante. Assim, o sentido do sintoma torna-se um produto da história do sujeito, de modo que, pelo funcionamento do significante, o sentido só pode ser criado *ex post fact*, retroativamente. Fink (1998) aponta para o sentido de um trauma que “só vem a significar algo que, de forma alguma, significava antes; seu sentido e eficácia mudaram” (p. 87). Ao relacionar com o sujeito, o autor nos diz:

Da mesma forma, um primeiro significante não é suficiente para criar um efeito de subjetivação até que um segundo significante tenha aparecido em cena. Uma relação entre dois significantes nos prova que um sujeito passou por esse caminho, mas não podemos de maneira alguma localizar precisamente o sujeito no tempo e no espaço. (p.88)

Ocariz (2007) relaciona a distinção entre significante e significado com a alienação em si, na medida em que “o sujeito pode estar falando sem saber o que está dizendo. O significante na teoria lacaniana não representa uma significação, mas a engendra” (p. 103). Além disso, segundo a autora, além de um simples efeito no sentido, a produção de significações:

Comanda as ações do sujeito, pois na economia subjetiva diversos elementos podem assumir valor de significantes que entram na cadeia imaginária do sujeito em combinações infinitas, impossíveis de prever. A relação do significante com o significado é sempre fluida, prestes a se desfazer. (p. 103)

Com isso, admitimos a hipótese de que cada sujeito se identifica com significantes muito particulares que apontam para como esse sujeito entrou no mundo da linguagem; que os significantes podem formar cadeias de significações a partir de relações imprevisíveis e que, longe de serem significações definitivas, estão sujeitas a transformações. Assim, a autora aponta para a verdade como uma produção do futuro, sendo essa produção um dos objetivos de uma análise. Referenciando Lacan a autora observa que “a verdade para Lacan não é algo que se descobre; é algo que se constrói. O inconsciente se constitui, retroativamente, no movimento de relacionar o que se está dizendo, falando, com a verdade singular de cada sujeito” (p. 99).

É possível que o primeiro significante ao qual marca a inscrição de um trauma – o significante em potencial – esteja associado à ideia de reminiscência, um resto não simbolizado, pois ainda não se encontra associado em cadeia, ainda não produz sentido. Lacan (1955/1987) diz que:

É preciso que surja não apenas a compreensão da significação, mas a reminiscência propriamente falando, ou seja, a passagem para o imaginário



que se denomina o eu, tem de reconhecer como sendo dele, tem de integrar em sua biografia, a sequência das significações que ele estava desconhecendo. (p. 400)

Neste trecho, Lacan parece apontar para o objetivo de uma análise como a possibilidade do sujeito em subjetivar a causa traumática que lhe cinde. Dessa forma, Fink (1998) aponta para o atravessamento de posições ocupadas por um sujeito dentro de sua fantasia como um sujeito dividido que passa a assumir o lugar da causa, “tornando subjetiva a causa traumática de seu próprio advento como sujeito, vindo a ser nesse lugar onde o desejo do Outro – um desejo estrangeiro e estranho – havia estado” (p. 85). Assim, Fink parece apontar para a importância da simbolização do resto traumático como a possibilidade da construção de uma nova cadeia simbólica que dê novos sentidos a um sujeito outrora fixado traumáticamente a um significante desarticulado de uma cadeia e por isso, incapaz de produzir efeitos de movimento para o sujeito. Em seu *Seminário 3* sobre as psicoses, Lacan pontua que:

O inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem enquanto tal é o sistema do significante enquanto tal. (p. 139)

Lacan aponta para a possibilidade do advento de um sujeito em um sistema significante representado entre a relação dos significantes. Como vimos, essa representação parece apontar para um marcador de lugar para o sujeito, em que este é somente suposto. Na relação de um sistema de significantes, onde um significante sempre se remete a outro, Fink (1998) nos diz que “uma relação entre dois

significantes nos prova que um sujeito passou por esse caminho, mas não podemos de maneira alguma localizar precisamente o sujeito no tempo ou no espaço” (p. 88).

Veremos em que sentido o inconsciente pode ser compreendido por meio de uma estruturação simbólica. Para tal, suporemos a neurose a partir das impossibilidades simbólicas engendradas como a realidade psíquica de um sujeito, limitando-o em seus destinos pulsionais. O inconsciente em sua organização significativa está entroncado com as características próprias dos significantes, que criam possibilidades e impossibilidades a partir de suas combinações e leis, ou seja, a partir das regras de uma língua. Ora, se para determinadas significações o que se ganha é a possibilidade de uma determinada realidade, é plausível considerarmos que impossibilita outras. É a questão do *vel* da alienação desenvolvida por Lacan em seu *Seminário II*, o ou/ou da linguagem.

Vimos que o eu cristaliza imagens que lhe proporcionam um senso de unidade, mas que essa unidade acomete o sujeito em um certo sentido de peso que o fixa. Esse peso é o peso do objeto em que o eu se converte. Mas isso é o eu. O sujeito, por outro lado, está inclinado a outro tipo de objeto que ao invés de lhe propor um preenchimento, ou senso de unidade, lhe proporciona a possibilidade de transitar, pois, o objeto ao qual o sujeito se vincula, enquanto sujeito de desejo, configura-se como um espaço. Trata-se de um objeto cuja designação é a de um espaço, de um vazio, próprio para a passagem de um sujeito, que se desloca por meio da linguagem. E é por esse espaço, por esse vazio que o sujeito poderá deslocar-se, figurado pela linguagem, elegendo diferentes objetos como seus objetos de desejo. Esse objeto que se configura como vazio, é tratado por Lacan como objeto *a*, objeto da pulsão, em que:

O objeto *a* é algo de que o sujeito, para se constituir se separou (...). Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. É então preciso que isso seja um objeto – primeiramente separável – e depois, tendo alguma relação com a falta. (Lacan, 1964/1985, pp. 104-105)

## CAPÍTULO 2

### O REAL

#### 2.1 O real e o pulsional

Em *A direção do tratamento* Lacan nos diz “Freud, dizíamos, frisou cem vezes: os sintomas são sobredeterminados” (p. 643), e que, junto aos sintomas, os sonhos, lapsos e chistes são fenômenos subjetivos de estrutura idêntica, observando que “a sobredeterminação só é estritamente concebível na estrutura da linguagem” (p. 643), apontado para a estrutura linguageira como mensagem que são expressão de desejos inconscientes que revelam o modelo conciliatório encontrado pelo sujeito para dar conta dos conflitos inerentes ao seus atravessamentos pela vida. Os sintomas, decorrentes dos desejos inconscientes do sujeito, revelarão as formas encontradas pelo sujeito para dar conta da satisfação imposta pelos impulsos motrizes que o lançam à vida. Impulsos que, uma vez imersos em um contexto cultural e simbólico, enfrentarão as limitações inerentes ao princípio da realidade - compreendidos como um sistema de linguagem com suas regras e leis. Os destinos tomados por esses impulsos transmitirão a particularidade da história desse sujeito, ou seja, de como esse sujeito pôde posicionar-se frente aos limites inerentes ao seu ser de linguagem e quais

saídas pôde criar para além daquilo que lhe foi proporcionado como fundação. Os desejos, por sua vez, possuem uma incontornável relação com a pulsão, elevada a conceito fundamental por Freud (2013/1915) e desenvolvida a partir de seu registro no real por Lacan (1958-59).

De acordo com Fink (1998), a entrada da criança no mundo da linguagem decorre de uma espécie de assimilação de um significante primordial que a estrutura como sujeito e o localiza em um universo simbólico, possibilitando seu vir a ser na linguagem. Fink aponta que “esse significante primordial, é instalado através da operação do que Lacan chama de metáfora paterna ou função paterna” (p. 78), cuja função é a de operar uma espécie de corte na hipotética unidade inicial mãe-criança. Assim, a função paterna é “romper essa unidade, intervindo nesse lugar como um terceiro termo” (p. 78). Fink aponta para esse rompimento da unidade mãe-criança como um impedimento ao acesso fácil da criança à mãe, exigindo da criança novas criações na busca pelo prazer, sendo assim, “Nos termos freudianos, a ordem simbólica é um correlato do princípio da realidade, que não nega por completo os objetivos do princípio do prazer, mas os canaliza para caminhos socialmente estabelecidos” (p. 79).

Sob a influência da cultura e da linguagem, os caminhos socialmente estabelecidos se perfazem, lançando o sujeito para fora da força corrente do instinto que é dominante no reino animal e que, caso fosse mantido no sujeito, o fixaria em um destino datado. Com sua inauguração como sujeito de linguagem e seu corpo reescrito pelos significantes, o sujeito passará a ser governado pelas pulsões que são invariavelmente mediadas pelas estruturas sociais. Essa mediação pela ordem simbólica trará possibilidades e impossibilidades para os destinos pulsionais do sujeito. Apesar das mediações sociais serem fundamentais para que o sujeito seja

autoral em criações que viabilizem seus prazeres, Fink (1998) nos aponta que Freud fala a respeito da “perda em termos de renúncia pulsional que considera necessária para qualquer realização cultural” (p. 126), perda apontada como o resto resultante do processo de alienação, ou seja, de sua entrada na linguagem.

Como alternativa à insatisfação pulsional, a realização das pulsões por meio dos sintomas terá na repetição seu destino: ao contornar um determinado objeto de desejo como via de satisfação, o sujeito se enredará em uma posição fixa perante seu objeto. Lacan (1960/1988) chama a atenção para o desejo “sobre o qual costuma esquecer que, muito mais autenticamente do que uma busca de ideal, é ele que regula a repetição significativa do neurótico e sua metonímia” (p. 688), ou seja, em uma repetição metonímica das cadeias de linguagem, um enredo se reatualiza para o sujeito como repetição, ancorada em uma espécie de ilusão de um novo destino. Ocariz (2007) também nos diz que “Lacan fala de algo que detém o constante deslizamento da cadeia significativa, algo que volta sempre ao mesmo lugar e freia o deslizamento da cadeia, faz obstáculo: o real” (p. 113), assim, o objeto ao interromper o deslizamento incessante do sujeito pelos significantes, é capaz de fixá-lo, pondo-o em função de uma repetição em torno desse objeto de desejo, em torno do objeto representante da falta e concernente à sua entrada na ordem simbólica.

O sujeito ao seguir os destinos de sua pulsão parcial, percorrendo um trajeto como que circular em torno de um objeto que o fixa, o faz acreditando se tratar de um reencontro com objeto *a*, o objeto perdido, conseqüente ao seu advento enquanto sujeito. Ancorado na ilusão de que pode se reconciliar com tal objeto, o sujeito estará aquém da possibilidade de uma criação real que o mobilizaria para outros objetos, outros desejos, outros destinos. O sintoma, estruturado como linguagem, disporá o sujeito em uma posição relativamente fixa diante de um objeto de desejo, que fora

eleito como o objeto privilegiado, sob o pretexto de se tratar do objeto perdido. Essa disposição, regulada pela ordem simbólica representa o real como:

Impossível lógico. ... se enuncia um ponto de impossibilidade. Não é a realidade material como preexistente ao simbólico, é um efeito do simbólico mesmo. O real é o que volta sempre ao mesmo lugar, o que entorpece a marcha, o que não anda, o que não cessa de se repetir. (Ocariz, 2007, p. 113)

Veremos que como o sujeito realiza suas exigências pulsionais se dá por meio das características que são próprias às pulsões, que por sua vez, são divididas em quatro termos. Lacan (1964/1985), ao tratar da desmontagem das pulsões comenta a importância apresentada por Freud (1915/2013) na distinção dos quatro termos componentes das pulsões. Diz Lacan, “ponhamos o *Drang* primeiro, o impulso. A *Quelle*, a fonte. O *Objekt*, o objeto. O *Ziel*, o alvo” (p. 161). Lacan nos aponta que “se há algo com que se parece a pulsão, é com uma montagem” e que “a montagem da pulsão é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça” (p. 167). Essa colagem de aspecto surrealista pode ser a chave para a compreensão da dinâmica do sintoma, uma vez que, ao incorporar o princípio do prazer como sua finalidade, também deflagra sua condição de *nonsense*.

Jaanus (1997) aborda a indeterminação e a desqualificação da pulsão como resultante da radical alteração do instinto como uma montagem das peças da realidade de que se compõe e que “a reconstrução é descontínua e desarticulada, misturando o natural com o não-natural, o mecânico com o sexual, e o ideológico com simples intimações de intenção” (p. 138) e que “a pulsão, comparada com o instinto, é mais artística, mais inventiva, mais livre, ou, precisamente, surreal” (p. 138). O sintoma confere uma inventividade por parte do sujeito precisamente por emergir da dinâmica

pulsional - e não da instintual -, que por sua vez é decorrente da perda original experienciada pelo ser humano enquanto espécie.

A perda ao qual o sujeito se depara, sistematicamente, é totalmente diferente de qualquer irrupção instintual de busca por saciedade no mundo animal. O que o sujeito perde, como estatuto humano, torna possível seu advento pulsional, que por sua vez, influi em sua relação de desejo a partir da incontornável relação com a alteridade, ou seja, o Outro enquanto linguagem. Assim, “é a partir das perdas que as várias formas do Outro se desenvolvem” (Jaanus, 1997, p. 139).

Freud (1915/2013) em *As pulsões e seus destinos* aborda, em um primeiro momento, a pulsão no que nela tem de semelhança com o estímulo quando diz “nada nos impede de sucumbir o conceito de pulsão no de estímulo: a pulsão seria um estímulo para o psíquico” (p. 17). Para em seguida, apontar as limitações de uma mera sobreposição entre os conceitos, na medida em que existem outros estímulos para a psique que não os pulsionais, a exemplo dos estímulos fisiológicos; e que os estímulos se manifestam para gerar um impacto preditivo, “podendo, então, ser neutralizados através de uma única ação adequada, cujo modelo estaria na fuga motora em face da fonte estimuladora” (p. 19). No caos da pulsão, não há uma única ação específica, tampouco seu objeto de satisfação é definitivo. O objeto ao contrário, terá como característica a de um objeto indiferente.

Ainda na comparação com o estímulo, Freud (1915/2013) diz que a pulsão “jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz sobre ela” (p. 19). Essa *konstant Kraft* da pulsão forçará o sujeito pelas vias de satisfação para suspender sua imperiosa necessidade, que é impreterível por natureza.



O sujeito se deparará, no entanto, com as inevitáveis renúncias temporárias ou permanentes de seus objetos e metas pulsionais por imposição de forças ou limitações que lhe são exteriores, às quais Freud designará o valor do princípio da realidade.

Diante dessa restrição inevitável, o sujeito criará para si a compensatória via da fantasia na tentativa de responder a seu incessante desejo, conseqüente da pressão constante das pulsões que visam satisfazer-se por meio de seus objetos. Freud (1916-1917), em *Os caminhos para a formação de sintomas*, nos diz:

O ser humano, contudo, sempre teve dificuldade em renunciar ao prazer; não consegue fazê-lo sem uma espécie de compensação. Por isso, reservou para si uma atividade psíquica na qual concede a todas as fontes e vias abandonadas da obtenção de prazer uma nova vida, uma forma de existência na qual se veem livres das demandas da realidade e daquilo a que chamamos ‘prova da realidade’. (p. 494)

Lacan (1964/1985) ao abordar a característica da força constante da pulsão a partir do termo que a designa, o impulso, aponta para o que diferencia de um mero conjunto de forças oriundas das leis da mecânica ou de uma dinâmica fisiológica, por exemplo, e diz “na pulsão, não se trata de modo algum de energia cinética, não se trata de algo que vai se reger pelo movimento.” (p. 163). Ainda, Lacan diz que:

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante. (p. 163)

A pulsão em sua relação com o sujeito, é demonstrável a partir do que do sujeito ela desloca. Brousse (1995) aponta para o significante como o que barra a necessidade para produzir a pulsão e nos diz que:

A pulsão é o resultado da operação significante sobre a necessidade, o que produz um resto. Algo escapa, que é o desejo. A pulsão é definida por Lacan como o resultado do funcionamento do significante, isto é, da demanda: a demanda do Outro. (p. 123)

Dessa forma, a pulsão, como efeito da entrada do sujeito no mundo significante, produz seus efeitos de deslocamento do sujeito do que dele se anuncia da demanda do Outro, também por meio de seus sintomas e fantasias. Nada disso, porém, remete a uma dinâmica que possa ser avaliada a partir do empirismo de uma lógica mecânica. Lacan (1964/1985), ao reconhecer o valor atribuído por Freud do fator econômico das pulsões com seus objetivos de satisfação, aponta para sua dinâmica a partir do fenômeno da transferência, à qual só pode ser apreendida a partir dos seus efeitos de se fazer revelar um inconsciente.

Lacan (1964/1985) nos diz que “a transferência não é a atualização da ilusão que nos levaria a essa identificação alienante que constitui qualquer conformação [...] a transferência é a atualização da realidade do inconsciente” (p. 144). Assim, a transferência é produzida a partir de uma atualização da realidade do inconsciente, conferindo a uma categoria de ato, em detrimento à concepção da transferência atribuída de uma função imaginária.

Brousse (1995) aborda a realidade do inconsciente como derivada da transferência ao dizer que “a transferência é um processo de produção do inconsciente na relação analítica. Quando se produz a realidade do inconsciente, pode-se definir o

tipo dessa realidade: realidade sexual.” (p. 119). Dessa realidade sexual, vimos que o que o sujeito deverá se deparar com a ausência de um significante que aponte a um saber sexual. A inexistência desse significante, ao qual designa-se um cavo, é fundamentalmente traumática. E, ao redor desse trauma, o inconsciente estará estruturado como uma cadeia de significantes formadas para contornar esse vazio, na tentativa de fabricar um saber que se articule a essa falta.

Brosse (1995) aponta ainda que pela transferência se formam dois eixos, o do saber, ligado aos significantes e à repetição e o eixo do amor, que estará “ligado ao ser” (p. 119). Para o primeiro caso, o efeito da transferência se evidenciará na transformação de um mistério em um enigma, ou seja, de um sofrimento sem sentido trazido pelo paciente para a produção de um sintoma, que estará estruturada em sentido a ser revelado e possível de ser transformado.

Lacan (1961/2010) aponta para o inconsciente revelado em sua indissociável relação com o Outro, graças ao fenômeno da transferência. Lacan nos diz “tudo o que sabemos sobre o inconsciente, desde o início a partir do sonho, nos indica que existem fenômenos psíquicos que se produzem, se desenvolvem, se constroem para serem ouvidos, portanto, justamente para esse Outro” (p. 221) e que desse modo, a transferência é um fato constitutivo da relação com alguém a quem se fala. Desse fenômeno, Lacan atribui um valor de novidade emergente da transferência em que “na transferência, o sujeito fabrica, constrói alguma coisa” (p. 220).

É possível que o desfecho desse percurso dos significantes, dispostos como um enigma graças ao fenômeno da transferência, leve o sujeito a atravessá-lo ao ponto em que o saber sob a condição de enigma se esgota. Desse esgotamento do saber caberá ao sujeito a escolha em permanecer dentro dos limites do eixo do saber, do

sentido, ou transpor-se ao eixo do amor, no não-sentido, onde uma nova criação possa elevá-lo a um novo ser.

Brousse (1995) aborda o saber como um termo referente ao inconsciente e que, na medida do avanço de um tratamento produz-se o que Lacan em seu *Seminário II* chama de “falta-a-ser”. Brousse diz que “o inconsciente é definido pela divisão subjetiva” (p. 120), dada pela entrada do sujeito na linguagem. A autora nos aponta que Lacan fala em “falta-a-ser, implicando uma falta, *want-to-be*, porque explica o motivo de o outro lado da transferência ser o amor. O que é que o amor dá? Dá o ser. O objeto que se ama nos dá algum ser.” (p. 121) e complementa dizendo que com “o amor dá o ser onde a relação psicanalítica engendra uma falta-a-ser” (p. 121).

Assim, o princípio da separação decorrente da operação constitutiva de um sujeito a partir da alienação é a possibilidade do amor, em contraponto à demanda. Se a falta-a-ser é passível de ser designada a partir do avanço de uma análise em seu percurso encadeado pelos significantes, que permite ao sujeito uma nova passagem pelos caminhos já trilhados pelo desfilamento de suas demandas, será no ponto limite dessa estrutura - onde um objeto estanca seu deslizamento - que o sujeito se verá diante da falta de um significante ao qual o Outro não pôde proporcionar. Assim, estará além da demanda, além do Outro, e a produção de uma nova palavra, uma nova gramática pelo sujeito, possibilitará a escolha de um novo objeto, que, por sua vez, poderá representar um novo destino ao sujeito desejante.

Vimos que a entrada da criança na ordem da linguagem a dispõe sob o sistema de significantes que barram a necessidade e produzem a pulsão. Disso decorre que, para que a necessidade da criança seja satisfeita a partir de sua entrada no mundo da linguagem, ela precisará estar em acordo com a demanda do Outro – e que essa

demanda do Outro tampouco corresponde à necessidade. Porém, esse acordo é impossível do ponto de vista pulsional. A pulsão, como conceito fundamental, é chave para a direção do tratamento uma vez que a pulsão é justamente o que escapa a conversão de necessidade à demanda dentro dos limites da linguagem, configurando-se como um resto, ao qual o inconsciente do sujeito está fundamentalmente constituído, tornando-o sujeito de desejo. Lacan (1964/1985) diz que “o ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está ligada é à realidade sexual. Este ponto nodal se chama desejo” (p.152).

A pulsão requer ser analisada a partir dos acontecimentos da vida do sujeito que pode ser acessada a partir da fala direcionada ao Outro. Seus destinos pulsionais são demonstráveis pela transferência e os elementos fundantes de sua realidade psíquica tornam-se acessíveis, assim “no final das contas, não apreendemos o inconsciente senão em sua explicação, no que dele é articulado que passa em palavras” (Lacan, 1959/2008, p. 45). Esses elementos, determinados pela linguagem, serão as vias pelas quais a interpretação revelará o inconsciente como ato, na medida em que “só há inconsciente, no sentido analítico do termo, no ser falante. A linguagem é a condição do inconsciente” (Soler, 2012, p. 20). Ao fazer surgir o inconsciente, em sua dinâmica pulsional por meio da fala em transferência, o sujeito poderá reconhecer o limite do sentido ao qual se orienta, deparando-se com o real, o resto não simbolizado pelo sujeito e nem contemplado pelo Outro em sua primazia de significações. O sujeito então, poderá simbolizar, ou seja, colocar em cadeia novos significantes que criem e orientem novos destinos pulsionais a partir do simbólico. Assim, o atravessamento do real se dá pela via do simbólico, amplamente em questão na transferência.

A realidade psíquica do sujeito estará em acordo parcial com as leis do princípio do prazer, mas também demonstrará sua susceptibilidade a uma outra dinâmica que só se torna apreensível a partir do discurso do sujeito, que, ao anunciar o impossível do desfecho das pulsões apontará para o real, que representa o que não pôde ser simbolizado, ou seja, o que não fora capturado pela linguagem, desafiando a ordem simbólica. Lacan (1964/1985) nos aponta que “em Freud, é desta forma que aparece o real, a saber, o obstáculo ao princípio do prazer” (p. 165) e que “o real se distingue [...] por sua separação ao campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível” (p. 165.).

A interpretação desloca o sujeito, a partir dos desfiles dos significantes, aos limites da estrutura de sua realidade psíquica, ao ponto de ser possível subjetivar o além da simbolização, o real, ou seja, criar uma cadeia de simbolização do real de seu trauma. Lacan (1964/1985) nos diz que “A interpretação ... reverte a relação que faz com que o significante tenha por efeito, na linguagem, o significado. Ela tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível” (p. 242). Lacan, adiante, nos propõe a interpretação como um efeito capaz gerar um deslocamento do sujeito:

A interpretação não é aberta a todos os sentidos. Ela não é de modo algum não importa qual. É uma interpretação significativa, e que não deve faltar. Isso não impede que não seja essa significação que é, para o advento do sujeito, essencial. O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático, ele está, como sujeito, assujeitado. (p. 243)

O real, será a causa da estrutura do inconsciente como linguagem e que se organizará por meio de um andaime de significantes em torno do vazio, demarcado pela ausência fundamental de um significante. Lacan (1964/1985) diz que “o recalçado primordial é um significante, e o que se edifica por cima para constituir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significantes” (p. 173). E nos diz que na outra extremidade encontraremos a interpretação, que, por meio da metonímia, chega-se ao desejo, “a interpretação, em seu termo, aponta o desejo, ao qual, em outro sentido, ela é idêntica. O desejo, é, em suma, a própria interpretação” (p. 173). Assim, partindo do sintoma em sua estrutura significante, a interpretação atinge sua causa, que possui íntima relação com o desejo, que por sua vez, está ligado ao trauma naquilo que aponta para o vazio da estrutura. O desejo só é possível graças a esse cavo, que não necessariamente precisa paralisar o sujeito traumáticamente em torno de seu sintoma. Então a proposta de dialetizar o real a partir da fala, possibilitando ao sujeito uma melhor elaboração sobre seu próprio desejo.

Jorge (2010), por sua vez, ressalta que a proposta de Lacan em abordar o inconsciente como um saber se dá por justo por ser um saber que “vem preencher a falta de um saber instintual” (p. 64). Mas que, o inconsciente é não-todo estruturado como uma linguagem. Ou seja, o inconsciente é um saber, porém um saber não-todo e que, dessa falta, faz-se possível a dimensão de seu enigma. Freud (1915/2013) já havia abordado sobre o inconsciente a dimensão que não se enquadraria na categoria do recalçado “tudo o que é recalçado deve permanecer inconsciente, mas, logo de início, declaremos que o recalçado não recobre todo o inconsciente” (p. 75).

Assim, sendo o recalçado é apenas uma parte do inconsciente. Jorge (2010) aponta que “em termos de Lacan, diríamos que o recalçado, ‘essa ideia que representa uma pulsão’ é da ordem do simbólico, ao passo que esse mais além do simbólico é o

que constitui precisamente o real.” (p. 64). Jorge ainda aponta que, o saber inconsciente “que vem tentar preencher a falta de um saber instintual em nossa espécie, apresenta um ponto de não-saber – real – em torno do qual toda a estrutura orbita” (p. 65). Sendo assim, o inconsciente estrutura-se como uma linguagem em torno de um não-saber, de um furo, do real enquanto impossível de ser simbolizado.

A interpretação, pelo fenômeno da transferência em uma análise, é capaz de atingir a causa de desejo do sujeito: levando o sujeito a se deparar com a ausência do objeto, atrelada à figura de um cavo. Laurent (1995) aborda a direção da interpretação para aquilo que “o verdadeiro sentido que a interpretação analítica deve passar não é um efeito de sentido, mas antes o produto ou resto do primeiro encontro entre o sujeito e o Outro.” (p. 44). Dessa forma, a interpretação ao atingir a causa, ao atingir o real, altera a dinâmica pulsional do sujeito na medida em que a pulsão se manifesta justamente pela falta e da falta de um objeto inscrito no saber do sujeito. Uma mudança na dinâmica pulsional atinge o resto da experiência não simbolizada entre o sujeito e o Outro, abordado como gozo.

Lacan (1964/1985) nos diz que “a interpretação não está aberta a todos os sentidos. Isso seria conceder àqueles que se levantam contra os caracteres incertos da interpretação analítica, que, de fato, todas as interpretações são possíveis, o que é propriamente um absurdo” (p. 242). O que se desponta do sentido de interpretação é o que se estabelece em um nível de não-senso representado pelo significante mestre, o S1, responsável por comandar a cadeia de significações do sujeito e que designa o valor do Outro como o lugar que comanda o discurso do sujeito, mas que é insuficiente. A ausência do objeto, por onde o Outro torna-se possível, é também o que libera o sujeito do Outro. Nos limites de sua estrutura o sujeito estará em condição de criar, de se separar.



A ausência de objeto coincide topologicamente com a ausência de um significante capaz de nomeá-lo. Segundo Jorge (2005) nos diz que o objeto *a* “objeto faltoso, objeto causa do desejo, é o que resta da aptidão do significante para representar o sujeito, daí sua estrutura de resto, de dejetivo. É o que sobra de toda tentativa de representar o sujeito” (p. 83), assim, Jorge retoma a noção de objeto perdido e que é impossível de ser nomeado. É do (des)encontro do sujeito com esse objeto inexistente que permitirá ao sujeito subjetivar o real, ou seja, o que escapa das cadeias significantes capazes de organizar um sentido. Trata-se do resto não simbolizado e que sempre escapará de uma simbolização integral. A pulsão, por sua vez, faz entrar em jogo a categoria do impossível em que não se atinge uma descarga total das tensões pulsionais e, sendo a fuga impossível, como mencionou Freud, o sujeito estará sempre diante de uma exigência de criação de novos destinos para sua pulsão.

Lacan (1964/1985) nos assegura que a satisfação da pulsão é sempre atingida, de modo que “não se pode dizer que o alvo não é atingido quanto à satisfação. Ele é atingido.” (p. 164). Todavia, o que está em causa do sintoma é que o modo de satisfação da pulsão encontrada pelo sujeito, ou o modo como alcançou seu objetivo, é por vezes muito custoso, evidenciando-se por um sofrimento experienciado. Lacan (1964/1985) nos afirma que “o que temos diante de nós, em análise, é um sistema onde tudo se arranja, e que atinge seu tipo próprio de satisfação” (p. 164) e que “[...] é na medida em que acreditamos que há outras vias, mais curtas por exemplo. [...] Se nos referimos à pulsão, é na medida em que é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado” (p. 164). A retificação no nível da pulsão é o que reformula o sintoma em seu nível estrutural, onde, ao atingir o real de sua causa por

meio do simbólico, alcança-se também novo destino para a satisfação pulsional, que não precisa reincidir em uma repetição sintomática por busca de satisfação

## 2.2 Pulsão e fantasia

A relação da fantasia com o sintoma é patente, na medida em que a fantasia é a estrutura criada pelo sujeito para organizar o desfecho para suas pulsões. Por não ser possível uma fuga das pulsões, e graças ao seu caráter inexpugnável, as fantasias proporcionarão ao sujeito uma alternativa diante das impossibilidades do mundo exterior. Freud (1916-1917) nos diz que “na atividade fantasiosa o sujeito segue gozando da liberdade frente a toda pressão exterior, liberdade a que, na realidade, renunciou há muito tempo” (p. 494), sendo que nas fantasias, continua o autor, “tudo pode vicejar e crescer como bem entende, até o que é inútil, mesmo o que é daninho. Uma tal ‘área de proteção’, subtraída ao princípio da realidade, é também o reino psíquico da fantasia” (p. 494). A fantasia parece ser a resposta criada pelo sujeito para organizar uma forma de gozo que não pode ser articulada em uma determinada estrutura social, apontada por Freud como o princípio da realidade.

A relação da fantasia com a pulsão é constitutiva: a pressão constante por satisfação da pulsão inevitavelmente disporá o sujeito frente ao limite da estrutura ao qual faz parte, que não poderá oferecer trilhos suficientes, encaminhamentos de linguagem que possam dar destino às pulsões. O Outro, antecedente ao sujeito e responsável por fundação sob uma estrutura de linguagem, falha em fornecer caminhos à toda sua exigência pulsional. Lacan, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* aponta que “O neurótico, de fato, histérico, obsessivo, ou, mais

radicalmente, fóbico é aquele que identifica a falta do Outro com sua demanda” (p. 838) e assim, Lacan segue, “daí resulta que a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia, isto é, que a sua fantasia ... reduz-se à pulsão: ( $\$ \ll D$ ). Por isso é que o catálogo das pulsões pôde ser organizado no neurótico” (p. 838).

O sujeito se deparará inevitavelmente com o que há de real, de impossível na satisfação de suas pulsões, cabendo à fantasia a função de direcionar as pulsões parcialmente não atendidas para as “áreas de proteção” subtraídas ao princípio da realidade, subtraídas do Outro e, então, o surgimento do desejo articulado ao excedente pulsional, no que a demanda não é capaz de responder. Há um descompasso e um transbordamento da pulsão pelas vias da demanda, como nos aponta Lacan em *A direção do tratamento*:

A posição do neurótico em relação ao desejo - ... à fantasia - que vem marcar com sua presença a resposta do sujeito à demanda, ou dito de outra maneira, a significação de sua necessidade. Mas essa fantasia nada tem a ver com a significação em que interfere. Essa significação, com efeito, provém do Outro, na medida em que dele depende que a demanda seja atendida. Mas a fantasia só chega a isso por se encontrar na via de retorno de um circuito mais amplo, aquele que, levando a demanda aos limites do ser, faz com que o sujeito se interrogue sobre a falta em que aparece a si mesmo como desejo. (p. 644)

Freud (1917/2014) propõe que o sujeito diante da frustração a qual invariavelmente experienciará frente ao princípio da realidade recorrerá à fantasia, cuja função como elo intermediário é a de satisfazer as pulsões, em seu caráter de energia libidinal, libido, por meio da formação dos sintomas. Freud sugere que no

caso da frustração, a libido retornará às posições de satisfação outrora abandonadas, mas que ainda possuem montantes de libido a elas ligadas.

Freud (1917/2014) traz como questão “como a libido encontra seu caminho para esses locais de fixação? Ora, os objetos e rumos abandonados da libido não foram abandonados em todos os sentidos. Eles, ou derivados deles, permanecem retidos com certa intensidade nas ideias fantasiosas” (pp. 495-496). De certa maneira, as fantasias se tornam os objetos não abandonados pelo sujeito que o contém em uma posição fixa diante de seu objeto de desejo não realizado, diante da ilusão de que objeto não é um objeto perdido.

Freud (1915/2013) ao abordar o objeto, como um dos termos correlatos do conceito de pulsão, o caracteriza como “junto ao qual, ou através do qual, a pulsão deve alcançar sua meta” (p. 25) e afirma que o objeto é o que haverá de mais variável em uma pulsão, por não estar a ela originalmente vinculado e “sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação” (pp. 25-26). Freud ainda aponta para a relação do objeto com a fixação, por tratar-se de uma estreita ligação entre a pulsão e o objeto, que segundo ele “se dá com frequência em períodos remotos do desenvolvimento pulsional e põe fim à mobilidade pulsional ao se opor intensamente à dissolução da ligação ao objeto” (p. 27).

Lacan (1964/1985) aponta para a satisfação como a chave para compreendermos a dinâmica pulsional. Primeiro, nos diz “[...] os pacientes, não se satisfazem com o que são. Eles satisfazem algo que vai sem dúvida ao encontro daquilo com o que eles poderiam satisfazer-se, eles dão satisfação a alguma coisa” (p. 164). Em seguida, Lacan aponta para a satisfação respondendo à lei do prazer, quando diz “[...] isso ao que satisfazem pelas vias do desprazer é, assim mesmo, a lei do

prazer. Digamos que, por essa espécie de satisfação, eles se fazem sofrer demais” e que:

E nós nos metemos com isso, é na medida em que pensamos que há outras vias ... em todo caso, se nos referimos à pulsão, é na medida em que é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado. (p. 164)

Lacan (1964/1985), ao fazer a distinção entre a satisfação da pulsão que está engendrada na lei do prazer - na tendência à descarga - e a satisfação do sujeito, ou melhor, sua insatisfação, parece apontar para as diferenças nos registros aos quais cada um faz parte. Sujeito e pulsão não se equivalem. Em um certo sentido, a satisfação da pulsão que é pertencente ao registro do real ainda requer ser retificada a partir de um sujeito que se valerá do simbólico como meio único de incursão sob o real.

Essa retificação a partir de novos destinos pulsionais criados por uma nova eficácia simbólica exigirá do sujeito uma inovação que lhe transponha além da estrutura ao qual é fundado e que lhe forneceu um determinado padrão que impôs à pulsão modos de satisfação. Lacan (1964/1985) nos diz “o real se distingue, como eu disse da última vez, por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível” (p. 165). Assim, o real como vazio sem objeto é o registro que proporcionará ao sujeito o corte de sua velha gramática, cabendo ao sujeito uma nova linguagem que lhe transponha ao Outro.

Da dimensão do impossível, referente ao real, podemos refletir a noção de fixação da teoria freudiana. Freud (1917/2014) aborda a fixação como uma imobilidade pulsional que pode ser compreendida a partir dos sintomas em seu modo

de repetição. A fantasia, criada pelo sujeito a partir dos elementos de sua história, indicam as formas com que o sujeito se valeu para se relacionar com seus objetos de desejo, onde os sintomas “produzem um substituto para a satisfação frustrada, mediante a regressão da libido a épocas passadas; a isso se liga inseparavelmente o retorno a estágios de desenvolvimento anteriores da escolha objetal” (Freud, 1917/2014, p. 485).

Freud (1917/2014) chama de compromisso de formação do sintoma a reconciliação das forças divergentes que encontrarão no sintoma uma nova maneira de satisfação da libido. A nova maneira encontrada no sintoma se dá por consequência do rechaço da realidade que impede a libido de satisfazer-se com determinado objeto da pulsão, que encontrará no sintoma o caminho para a satisfação.

Para Freud (1917/2014), o sujeito cria o sintoma para que a pulsão encontre os meios para sua satisfação, e o cria a partir de elementos constituintes de sua história ou, “nas práticas e vivências da sexualidade infantil, nas tendências parciais e nos objetos da infância que foram deixados para trás” (p. 479). Para esse caminho, Freud nos aponta, a libido rumará pelas vias da regressão ao “procurar satisfação em uma das organizações já superadas ou por um dos objetos anteriormente abandonados. Para o caminho da regressão a libido é atraída pela fixação que abandonou, nesses pontos de seu desenvolvimento” (pp. 476-477).

O sintoma é a solução criada pelo sujeito para responder ao conflito decorrente da exigência da libido em satisfazer-se com os impedimentos inerentes da estrutura simbólica que limitam seus destinos. Freud (1917/2014) ao abordar o inconsciente nos diz que “através do rodeio pelo inconsciente e pelas antigas fixações, a libido

consegue enfim avançar rumo a uma satisfação real que, no entanto, é extremamente limitada e já quase irreconhecível” (p. 479).

Freud (1917/2014) aponta que “a libido é como que barrada e precisa fugir para algum lugar onde possa dar vazão à energia investida, conforme o princípio do prazer” (p. 477). Torna-se evidente a relação da libido com a pulsão, na medida em que a pulsão está em função de sua *konstant Kraft* cujo alvo, nos aponta Freud (1915/2013), será sempre a de sua satisfação que só poderá ser alcançada pela “suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional” (p. 25). Freud postula a pulsão como um conceito “fronteiriço entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (p. 25). Essa exigência é imposta ao anímico pela relação que a pulsão tem com o objeto faltante e que sempre será inventado a partir das mediações do sujeito com a linguagem. O termo anímico escolhido por Freud parece possuir essa intrincada relação com a criação que o sujeito deverá fazer de seu objeto.

Freud (1917/2014) aponta para os sintomas como meios de satisfação paradoxais, na medida que os sintomas “não nos lembram em nada aquilo que costumamos entender por satisfação. Na maioria dos casos, desconsideram o objeto e, assim abandonam o vínculo com a realidade exterior” (p. 496). Nesse sentido, fica evidente a estreita relação entre sintomas e fantasia por ambas representarem, grosso modo, um notório afastamento do princípio da realidade e um retorno ao princípio do prazer como uma espécie de retorno de um outro tempo.

Freud (1917/2014), no entanto, aponta para formação dos sintomas como uma alternativa encontrada pelo sujeito, “uma adaptação em lugar de uma ação” (p. 486) em que os mesmos processos verificados clinicamente na dinâmica do inconsciente atuarão para a formação e manifestação dos sintomas: a condensação e o deslocamento. De acordo com o autor, a análise tornará possível o conhecimento dos caminhos percorridos pela libido ao dizer que “tomamos conhecimento das vivências infantis em que a libido se fixou e de que são constituídos os sintomas” (p. 487). As vivências infantis serão reatualizadas a partir de seu enredo histórico que é tecido continuamente na transferência e que, por estarem no domínio da linguagem, poderão ser codificadas como coordenadas, em uma espécie de mapa de navegação da linguagem para a decifração dos sintomas a partir de suas interpretações.

Pela transferência, a fala apontará para o significante que poderá se enredar como um enigma, cujo significado poderá ser decifrado, uma vez que o significante apenas supõe algum significado. E, sendo necessária uma relação em cadeia para que se forme um significado, supõe-se que a transferência atue como um motor da fala do sujeito, impulsionando os significantes que veiculam o desejo como um efeito de interpretação. Dessa mobilização da fala, faz-se surgir os significantes constituintes de suas cadeias de significação, que, percorridas, levarão o sujeito ao significante-mestre. O significante-mestre, ao qual uma determinada cadeia se engendra, não possui sentido algum por si mesmo. Assim, ao fim, o sujeito será levado ao não-sentido do significante em sua intrincada relação com o desejo.

Quinet (2000) aponta para a leitura que Lacan faz de Freud ao adotar o ponto de vista da linguística para explicar a dinâmica dos significantes, demonstrando que são homólogas às leis do inconsciente propostas por Freud: a metáfora para exprimir o processo primário da condensação e a metonímia para demonstrar o processo



primário do deslocamento. Segundo Quinet, Lacan utiliza a metáfora “para mostrar que o que Freud chama de condensação é uma superposição de significantes, ou seja, a substituição de um significante por outro significante, como encontramos na poesia” (p. 31) e que a metonímia é “uma articulação de um significante ao outro por deslizamento” (p. 32). Dessa forma, Quinet nos aponta que essas duas leis fundamentais da linguagem são as leis do inconsciente empreendidas por Lacan para explicar as formações do inconsciente e seus desfechos como mensagem, onde “a metáfora é aquilo que constitui o sintoma e a metonímia é o que dá a característica ao desejo” (p. 32).

O sintoma organizado como metáfora poderá ser compreendido em seus elementos irreduzíveis a partir da metonímia, onde, de um significante a outro, o sujeito tecerá sua história em transferência. Iannini (2013) nos diz que “apenas a história contingente da vida de um sujeito, de seus encontros e desencontros, é capaz de determinar os destinos da satisfação pulsional. Nesse sentido, a ciência natural de Freud prescinde do conceito de natureza e os contornos normativos que frequentemente o envolvem” (p. 120). Com isso, Iannini aponta para o valor da linguagem como processo de criação do sujeito e de sua fantasia, como determinante para compreendermos os destinos pulsionais desse sujeito.

Uma análise, que é pautada pelo simbólico, visa atingir a pulsão em sua função de elo intermediário entre o anímico e o somático. Ao incidir sob o real, o simbólico é poderá alterar os destinos da pulsão, que por sua vez pode ser demonstrado pelo termo *Quelle* (fonte). A fonte está para o real a tal ponto que Freud (1915/2013) a aponta como um termo em *As pulsões e seus destinos* não a partir do desígnio preciso de sua origem, mas em relação à sua meta: “o estudo das fontes pulsionais já não pertence à Psicologia; ainda que a origem em uma fonte somática

seja o elemento mais decisivo para a pulsão, só a conhecemos na vida anímica por causa de suas metas.” (p. 27). Desse modo, as fontes das pulsões serão inferidas retrospectivamente a partir de suas metas, ou seja, a partir da história do sujeito, da história da sua relação com seus objetos de desejo, organizada por sua fantasia.

### **2.3 Objeto, demanda e desejo**

Fink (1998) aponta para a alienação como a escolha da criança em se sujeitar à linguagem para que suas necessidades possam ser expressas pelo distorcido mundo da linguagem e que a separação seria “o confronto do sujeito alienado com o Outro, dessa vez não como linguagem, mas como desejo” (p. 72). Fink ainda aponta para a alienação como um estado impermanente e recorrente, como “um processo, uma operação que ocorre em determinados momentos” (p. 73). Para o autor, o conceito da alienação envolve a dinâmica de um ou/ou, equivalendo a uma escolha exclusiva entre duas partes. Lacan (1964/1985) ao abordar o *vel* da alienação aponta para a impossibilidade da sobrevivência de uma das partes, sendo sempre a mesma.

Para Fink (1998) as partes integrantes do *vel* da alienação são o sujeito e o Outro, onde ao sujeito destina-se a posição de perdedor e nos diz “no *vel* de Lacan, os dois lados não são de modo algum equilibrados: na confrontação com o Outro, o sujeito imediatamente sai de cena” (p. 74). Dessa forma, é possível compreendermos a posição do sujeito enquanto barrado pela linguagem, sendo apagado pelo significante. Para Laurent (1995), a falta do sujeito pode ser definida pelo fato de que na alienação:

No próprio momento em que o sujeito, barrado, se identifica com um significante, ele é representado por um significante para outro ( $S1 \rightarrow S2$ ). ... Quando o sujeito se identifica com esse significante, fica petrificado. É definido como se estivesse morto, ou como se lhe faltasse a parte viva de seu ser que contém seu gozo. (pp. 37-38)

Desse modo, é vital para a parte viva do sujeito, para seu ser, que haja a possibilidade de se extrapolar ao sentido do Outro, atribuído à estrutura da demanda. O que excede a demanda, que transborda a linguagem, está na conta da pulsão em sua associação ao desejo.

Para que possamos analisar a pulsão como um deslocamento do sujeito para um mais-além da linguagem é imprescindível que a articulemos em sua relação intrínseca com o desejo. Como veremos, o desejo não é possível sem a linguagem, que por sua vez, flui porque há desejo. Assim, desejo e linguagem coexistem em uma mesma dimensão, em um mesmo enlaçamento. Vimos que a alienação se efetua pela sujeição da criança à linguagem para sua participação em um mundo organizado pelo simbólico e agora veremos em como a alienação se dá como causação do sujeito pelo desejo do Outro.

Em suma, o Outro flui para dentro do sujeito como linguagem e como desejo, de tal forma que Lacan (1964/1985) postulou o inconsciente “como o discurso do Outro” (p. 130). O que desse discurso o sujeito será capaz de transformar como demanda, é o que poderemos constatar como enunciado, mensagem dirigida ao Outro. Ainda, o sujeito como efeito de linguagem embarcará na enunciação para comunicar uma outra mensagem que excede a estrutura demanda, uma mensagem estranha, que o lança ao desejo. Como nos aponta Fink (1998) para um tipo de interferência entre o

enunciado e a enunciação, em que o que é declarado – o conteúdo, ou a demanda como pretendemos ilustrar – é atravessado pelo próprio ato de enunciação, que anuncia um sujeito inconsciente – e seu desejo. Dessa forma, uma mensagem dirigida ao Outro, pelo sujeito, o divide em dois níveis: o eu consciente e o inconsciente.

O desejo deve ser compreendido a partir de sua relação com a linguagem, pois como tal, trata-se de um desejo desnaturalizado, pertencente à ordem simbólica pela intrínseca relação com o inconsciente, mas deve ser compreendido especialmente naquilo que dela se transforma. O desejo se vale do enunciado para se transportar pelo automatismo conferido pelas leis e regras da sintaxe – que prescinde de um sujeito para gerar seus efeitos – para então distorcê-las ou excedê-las em seu sentido de enunciado, produzindo uma enunciação que aponta para a verdade do sujeito. Em outras linhas, é o que Fink (1998) aponta como causa, sendo “aquilo que interrompe o funcionamento automático da cadeia significante” (p. 51). O conceito de causa, para o autor, está intrincado ao do objeto *a*, na medida exata em que sua função é a de causação do desejo do sujeito, uma vez que representa a inexistência de um objeto. Ou seja, a causa, correspondente ao desejo, é o que permite um corte do Outro como produção de sentido. Veremos que essa causa deverá ser subjetivada pelo sujeito a fim de se poder experimentar uma nova liberdade frente seus desejos. Para Fink (1998) a alienação não corresponde somente à causação do sujeito pela linguagem, mas também como desejo. O autor nos diz:

O sujeito é causado pelo desejo do Outro. (...) é uma alienação em termos de desejo, não apenas em termos de linguagem, embora o desejo e a linguagem sejam somente a urdidura e a trama do mesmo tecido; a linguagem é permeada pelo desejo e o desejo inconcebível sem a linguagem. (p. 73)

É pela linguagem que o desejo do Outro atravessa de forma obtusa as leis da linguagem estruturando o sujeito também em termos de desejo. Mas há um (des)encontro entre linguagem e desejo, da qual emerge um sujeito desejante sob uma base cindida e confusa. Essa confusão da língua e desejo é representado por Lucien Israel (1994), em *Avatares do Édipo*:

É isso que, desde o início, será fonte de conflitos. Porque a criança vai perceber rapidamente, logo que começa a restituir os sons ensinados, essa separação entre o som que ela utiliza e o que tiveram a intenção de lhe ensinar, entre o que é dito e o que se queria dizer. O importante é marcar que o que se ensina, de maneira inteiramente superposta à linguagem, é obrigatoriamente a mentira. Cada palavra ensinada é mentirosa, quase na essência, porque ela acrescenta, a um significado pretendido, alguma coisa que é da ordem do desejo do professor, daquele que ensina a palavra. Na verdade, não haveria sequer o ensino da palavra se ela não fosse veículo do desejo. (p. 91)

Há desejo por parte “daquele que ensina a palavra” (Israel, 1994, p. 91) e esse desejo é o que move a palavra ao sujeito. Ainda, se há desejo no Outro, é porque há divisão em sua fundação. Existe nesse Outro, atualizado a cada relação com os outros semelhantes, uma falta que o constituiu e essa falta aponta um furo em seu status de tesouro dos significantes. Dessa forma, podemos compreender esse Outro como barrado, como não-todo, dada sua falta intrínseca que marca seu desejo como ambíguo, inconsciente e ao mesmo tempo constante em direção a seus objetos.

O desejo do Outro com a linguagem, promove um efeito polissêmico ao qual Israel (1994) se referiu como mentira. Esse desejo do Outro “é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro” (Lacan, 1964/1985, p. 209).

Tamanha é a importância da divisão do Outro que torna inviável a aderência total do sujeito ao seu discurso, como discurso do Outro. Assim, podemos admitir que o Outro como barrado, dividido, é um desejável impeditivo a uma alienação completa do sujeito, o que torna a separação um destino possível e com os rumores de uma maior liberdade do sentido. A separação surge como efeito da própria alienação, por esta ser insuficiente, abrindo os caminhos para que o sujeito apreenda algo além do Outro e crie um destino pulsional não-todo alienado.

A realidade psíquica de cada sujeito é fruto da subjetivação que este deverá criar para dar sentido a sua causa. Ora, se o sujeito mergulha em uma realidade organizada por significações às quais não participou como cocriador, é patente pensarmos que sua entrada no mundo dos viventes também se deu por condições que lhe são alheias. Em outras palavras, é graças ao desejo do Outro, ou nesse caso, do Outro genitor, que se tornou possível seu nascimento. E mais, é o desejo desse Outro parental, que agora em um movimento de introduzi-lo ao mundo social que lhe apresentará toda uma gama de modelos e estruturas as quais a criança poderá se sujeitar para ser partícipe como sujeito da linguagem.

Lacan (1964/1985), ao abordar a pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise retoma a premissa desenvolvida por Freud de que a sexualidade humana é fundada sob o vazio, ou seja, não há objeto que organize sua sexualidade a partir de uma inscrição em seu real, seu real biológico. Qualquer objeto é elegível, portanto, a ocupar essa posição de vazio: o objeto é indiferente. Lacan nos aponta que “é isto que Freud nos diz [...] para o que é do objeto da pulsão, que bem se saiba que ele não tem, falando propriamente, nenhuma importância. Ele é totalmente indiferente” (pp. 155-156). Lacan ainda reflete sobre esse objeto faltoso quando diz “este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos

diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (p. 176).

O sujeito, mobilizado pelo movimento próprio das cadeias significantes não alcançará jamais seu objeto de desejo, que, por sua vez, é eleito a partir das condições que envolvem o sujeito no campo da linguagem. O objeto, efeito de linguagem, é um objeto etéreo, emanado do objeto *a* que o molda, em que o real estará no centro de sua constituição - que como vimos no capítulo sobre o simbólico, jamais poderá ser totalmente simbolizado, ou seja, o sujeito jamais poderá capturá-lo em sua ordem discursiva. A linguagem servirá ao sujeito como um meio para pô-lo em função desse objeto, fazendo-o circular ao seu redor como um meio encontrado para satisfazer sua pulsão. Assim, a satisfação pulsional dá-se pela trajetória em torno do objeto, onde o sujeito circula o objeto de desejo sem ser capaz de alcançá-lo. Da tentativa do sujeito de capturar esse objeto por meio da linguagem, restará inevitavelmente um resto, que proporcionará um desdobramento do objeto *a* para um outro objeto, lançando o sujeito em um novo destino e, por consequência, a uma nova falta. É notório que a solução de trajetória circular em torno do objeto empregada pela linguagem tem por consequência a frustração como resíduo, como resto, que o acompanhará em seus destinos e escolhas.

Freud (1915/2013) postula o objeto como faltante e tal marca designa ao sujeito a possibilidade do desejo, de empreender uma busca por um objeto que possa substituir, mesmo que ilusoriamente, essa falta radical. Essa é uma busca movida pelo desejo de reencontrar o objeto de sua primeira experiência de satisfação, que, no entanto, foi fictícia. Lacan (1960-61) relacionará o desejo como consequente ao objeto *a*, representante do objeto perdido para a história individual daquele sujeito. Vimos que nenhum objeto é capaz de satisfazer as pulsões do sujeito, assim, o objeto

*a* é o que representa esse desencontro fundamental o desejo e o objeto. Assim, por nenhum objeto ser capaz de satisfazer totalmente as pulsões de um sujeito, o desejo também será suposto pelo encadeamento das demandas dirigidas ao Outro. Assim, retornamos à alienação, como operação de constituição do sujeito a partir do entendimento da relação entre demanda e desejo.

Quinet (2000) se refere ao enunciado da fala de um sujeito como “a própria dimensão da demanda, a qual não visa a um objeto, e sim ao Outro a quem se dirige a fala: ela é um apelo ao Outro” (p. 89), demonstrando que a demanda é caracterizada pela relação entre um sujeito e outro sujeito por meio da trama da linguagem, articulada em um sistema de significantes. O autor ainda aponta que “Isso leva Lacan a identificar a cadeia de significantes à demanda; assim, conseqüentemente, toda fala é uma demanda” (p. 89). A compreensão da anterioridade do Outro como um lugar de linguagem é fundamental para compreendermos a função da demanda e seu desdobramento como desejo.

Soler (2012) aponta para o Outro como aquele que “sustenta um discurso articulado em que se conjugam fala e linguagem. Por isso, ele introduz o pequeno sujeito na linguagem com suas palavras e seus mecanismos sintáticos de fabricação da significação” (p. 24). A conjugação entre fala e linguagem é abordada pela autora a partir do *locus* de primazia do Outro em relação ao sujeito, na medida em que o Outro possui antecedência e prioridade ao que o sujeito solicita. A autora nos diz que “é a oferta que determina a mensagem do um como significado do Outro”, de modo que quando o sujeito “fala”, ele apenas “inverte a mensagem do Outro que, portanto, é de fato, um significado do Outro” (p. 24).



Assim, podemos compreender a dimensão da demanda como consequência ao que foi ofertado pelo Outro, em um tempo anterior à própria necessidade do sujeito. Soler (2012) ainda aponta que o mesmo princípio se aplica à imagem, pois “de fato, a imagem só comunica porque o próprio corpo já absorveu as significações do discurso, porque ele é fabricado pelo discurso” (p. 25). Essa fabricação de um corpo discursivo foi abordada anteriormente na passagem do corpo real, a um corpo escrito por significantes.

Dessa forma, o sujeito ao “tomar a palavra, faz surgir o Outro da fala, pois nunca há uma concordância total entre o que se intenciona dizer e o que se diz. A fala faz surgir a alteridade e o descentramento do sujeito” (Quinet, 2000, p. 89). Assim, é possível compreendermos o enunciado como a estrutura de fala que organiza a demanda do sujeito, em um sentido de apelo e que está organizado dentro do universo dos significantes.

Lacan em *A significação do falo* aponta para o que reside fora da articulação significante: “O que é assim alienado das necessidades constitui uma *Urverdrängung* por não poder, hipoteticamente, articular-se na demanda, aparecendo, porém, num rebento, que é aquilo que se apresenta no homem como desejo (*das Begehren*).” (p. 697). Todavia, o desejo, por estar enlaçado com a linguagem e ser, em última instância, decorrente de seus efeitos, deve ser inferido a partir daquilo que se manifesta da fala, ou seja, da demanda. O desejo terá caráter errático e desviante do sentido que a priori se assumiria de um enunciado dirigido ao Outro, como nos diz Lacan “A fenomenologia que se depreende da experiência analítica é de natureza a demonstrar, no desejo, o caráter paradoxal, desviante, errático, excentrado, e até mesmo escandaloso, pelo qual se distingue da necessidade.” (p. 697).

Dessa forma, Jorge (2000), aponta para o objeto *a* em sua posição inapreensível e diz que “o objeto *a* tem várias aparências imaginárias [...] que podem ser construídas para cada sujeito por intermédio do simbólico, dos significantes do Outro referentes às inserções históricas singulares de cada um” (p. 140), demonstrando a participação do objeto *a* nos registros do imaginário e do simbólico. Em sequência, enfatiza a importância do objeto *a* no registro do real ao afirmar que:

A dimensão que mais importa e que configura propriamente enquanto objeto *a* é o seu estatuto real, que lhe confere sua ex-sistência, que designa o que está fora do registro do simbólico. E o nome dessa dimensão real do objeto *a*, Lacan empenhou-se em mostrar que foi chamado por Freud de *das Ding*, a Coisa. (p. 140)

A importância da apreensão do objeto *a* em seu estatuto real, ou seja, fora da ordem simbólica, é imprescindível para compreendermos a psicanálise em sua *práxis*. A ética empreendida por uma análise ao não pautar a direção do tratamento no objetivo de restaurar um estado anterior qualquer vivenciado por um sujeito é não se pautar na hipótese de que se é possível recuperar um objeto perdido, pois como vimos, para a psicanálise, o objeto é para sempre perdido e sequer existiu. Ao contrário, trata-se sempre de uma construção e por isso a ênfase dada por Lacan em *A Direção do tratamento e os princípios de seu poder* na primazia do simbólico para que se possa construir uma passagem para o ser do sujeito entre o real e o imaginário. Ora, se o objeto *a* aponta para o resto não simbolizado que representará a causa do desejo, o advir de um novo objeto de estará em função de uma operação simbólica.

Esse novo objeto de desejo será criado a partir do movimento que o sujeito faz da palavra: a possibilidade do desencarceramento do sujeito de sua fantasia que

fora criada por consequência dos restos pulsionais do desejo não realizado, libertará o sujeito para um novo desejo (Israel, 1994). Trata-se de não estar mais fixado em um objeto, mas em ter a possibilidade de desejar outros. Um novo objeto, tal qual uma nova relação do sujeito com esse objeto de desejo é um advir, é uma possibilidade, ou seja, não se trata de um resgate, mas sempre de uma construção.

Jorge (2000) ainda aponta sobre a relação do encontro do sujeito com o objeto *a* como causa do desejo como um encontro fadado ao fracasso, na medida em que dessa busca não há encontro, mas uma tentativa do sujeito em reencontrar o que sequer existiu. O autor nos aponta que “é esse objeto, *das Ding*, que representa o Outro absoluto para o sujeito, que se trata no fundo de reencontrar. Mas esse objeto é, por sua natureza, perdido como tal e jamais será reencontrado” (p. 141). Trata-se de um objeto que não tem essência, um objeto etéreo. O autor ainda comenta que por se tratar de um objeto perdido, a busca do sujeito é por sucessivos reencontros e que o objeto surgirá sempre “como algo que foi perdido, como Outra coisa” (p. 141). Lacan (1959-60), por sua vez, aborda como “A Outra coisa, é, essencialmente, a Coisa” (p. 149).

Assim, o objeto *a*, designado como objeto perdido, abre espaço para a invenção, a criação do objeto. Não sendo possível perder o que jamais existiu, a proposta inventiva do objeto possibilita uma compreensão de como o sujeito se implicou e se implica na criação e manutenção de seus sintomas, visto que o sintoma é criado pelo sujeito como uma alternativa de se relacionar com o objeto de desejo perdido, e ao mesmo tempo, criado por sua fantasia.

O objeto *a*, pode, a priori, tomar a forma de qualquer objeto a partir dos elementos intransferíveis da história daquele sujeito, manifestas em sua fantasia. A

história, por sua vez, é contada por uma rede de significantes, que em sua configuração linguageira, invade o real ao qual o sujeito estará inserido, demarcando sua posição em relação a esses objetos escolhidos. Por escolha, preferimos a noção de criação. Assim, o objeto *a* ao cumprir o função de causa do desejo desse sujeito, apontará para o percurso da sua história, de como o sujeito se relacionou com seus objetos parciais a partir da dimensão de sua fantasia. Porge (2000) ao relacionar o real com a realidade, o faz a partir do que se diferem radicalmente:

É certo que tem a ver com o que se tem chamado de realidade, mas para nela designar um ponto que lhe escapa ou resiste à simbolização. Em vez de designar uma realidade das coisas, com a qual os pensamentos do sujeito estariam em adequação, o real concerne ao ponto de encontro falhado com ela, ao que não funciona, ao que se cruza e, ao mesmo tempo, retorna ao mesmo lugar e está vinculado com à repetição da busca do objeto perdido. (p. 120)

Porge (2000) aborda o *Seminário 4* de Lacan: *A relação de objeto* para apontar a disjunção entre a relação de objeto e a realidade na medida em que “na realidade abriga-se um objeto ao qual ela se adapta” (p. 122). Assim, inferimos que em torno do objeto *a*, ou seja, em torno do real do objeto, ordena-se uma realidade que visa compor um sentido que coabite com o real, ou seja, que organize pelas vias da linguagem, uma realidade possível para o sujeito. A linguagem é, portanto, aquilo que rodeia o objeto *a*, por não ser capaz de simbolizá-lo ou integrá-lo como um significante. Assim, a relação do sujeito com seu objeto causa de desejo se dá pelas vias da linguagem, que não habilita o sujeito a capturar seu objeto, mas fornece ao sujeito os elementos para a estruturação de sua fantasia.

Submetido aos efeitos da linguagem, o sujeito ocupará uma posição simbólica em relação ao objeto *a* determinada pelos efeitos consequentes às leis e regras impostas pela linguagem. A posição ocupada pelo sujeito, que organiza seu desejo enquanto efeito de linguagem, determinará não somente a escolha desse objeto, mas a possibilidade de sua criação. De certa forma, o sujeito está condenado pelas condições da linguagem a criar determinados objetos que já estão sob causa da posição simbólica ocupada por esse sujeito, a despeito de sua subjetividade e consciência. O Outro, como antecedente, organiza as possibilidades de o desejo se organizar pelas tramas da linguagem a partir do objeto *a* como causa.

Todavia, o destino puramente arbitrário e supostamente intransigente do Outro em determinar do que o sujeito poderá se valer para a eleição e criação de seu objeto, poderá ser posto em cheque pelo sujeito que encontrará no real conferido pelo objeto *a* a possibilidade da libertação de sua relação com o sentido do Outro. Assim, diante do não-sentido do real, que limita o Outro como determinante totalitário de um destino simbólico, o sujeito poderá fazer frente ao Outro e simbolizar um novo sentido que transgrida o destino previamente suposto. Ou seja, seus destinos em suas posições desejanter serão passíveis de mudança.

O trajeto circular da pulsão demarca o real ao qual o sujeito estará em função de causa devido sua posição simbólica organizada em torno desse real. O contorno da pulsão em torno do objeto *a* se dará pelas cadeias de linguagem organizadas metonimicamente por seus significantes. Assim, o objeto de desejo ao qual o sujeito circula em torno é suposto por essa posição ocupada pelo sujeito a partir da linguagem. Porém, a pulsão contorna precisamente o vazio, onde não há objeto algum. A pulsão, ao rodear o objeto, ao bordejá-lo, coloca o sujeito em função do

vazio a partir de sua estrutura de linguagem, afinal, a pulsão se valerá da linguagem para trilhar seus destinos.

O real escapa à simbolização, configurando-se como um resto, como o que ainda não pôde ou ainda não fora simbolizado. Jorge (2010) nos diz que “o real aparece como uma dimensão antinômica da realidade, mas é por meio dela que também o abordamos, ou pelo menos, os seus fragmentos, uma vez que o real não constitui o todo.” (p. 66). Cabe à linguagem, assim, criar a realidade ao neutralizar o real por meio da inscrição simbólica. Fink (1998), aborda a incursão do simbólico sob o real como uma “divisão do real em zonas separadas” que “corta a fachada plana do real, criando divisões, lacunas e entidades distintas e elimina o real, isto é, puxa ou suga para dentro dos símbolos usados para descrevê-lo e desse modo o aniquila” (p. 44). Assim, a expressão “a letra mata” (Lacan, 1966/1988, p. 23) abordada por Lacan em seu texto *A Carta Roubada*, pode ser refletida sob a ideia da simbolização do real, onde essa fachada plana passa a ser demarcada por significantes.

Essa espécie colonização do real pelos significantes só é possível pela insuficiência de qualquer significante em significar algo por si só. É necessária uma conjugação entre significações para que, retroativamente, possa-se chegar a uma significação. Assim, cria-se uma espécie de encadeamento entre os significantes, e que, da passagem de um significante a outro suponha-se um intervalo entre eles.

É desse intervalo que nos valem para trazer a noção de um segundo tempo, um tempo Outro que marca a passagem do *infans* com seu corpo real para seu advento como sujeito de um corpo reescrito por significantes dada a inscrição da letra e que agora coexiste com o simbólico em uma espécie de “real após a letra que é caracterizado por impasses e impossibilidades devido às relações entre os elementos

da ordem simbólica em si, isto é, gerado pelo simbólico” (Fink, 1998, pp. 46-47), um “real após a letra” (p.47). Proporemos que essa concepção em muito se assemelha-se com a música.

Antes da criação de uma música, assim como antes da letra incidir no real, só resta o corpo real e indiferenciado, como um silêncio absoluto. A passagem do corpo biológico ao corpo pulsional pelo atravessamento da linguagem é como uma partitura sendo atravessada pelas notas que se inscrevem. Tal paralelo só é possível, graças à essa noção de vazio entre os significantes, como veremos a seguir.

Nos intervalos ou “vazios” de uma cadeia significante gerada pela passagem de um significante a outro o sujeito poderá surgir como um efeito de deslocamento: “esse sujeito é o que o significante representa e este não pode representar nada senão para outro significante” (Lacan, 1964/1985, p. 849). Já na música, o deslocamento entre uma nota e outra só é possível graças ao intervalo entre elas. De tal modo que se pode deduzir a música como o que acontece entre uma pausa (vazio) e outra ao longo de uma duração. Sem as pausas entre as notas, no caso do som, só haveria uma sobreposição de notas, uma só nota – um som indistinguível. É possível dizermos que a diferenciação entre uma nota e outra só é possível graças ao intervalo que as separam e, uma nota só ganha função musical quando está posicionada em relação a outras notas no conjunto da música. Sendo que essa posição só pode ser garantida graças ao intervalo que as diferenciam.

Por essa hiância, a pulsão percorre seu trajeto em direção à captura da parte que falta ao ser que foi subtraída pelo campo do Outro por meio do significante que produziu sentido, na medida em que na operação de alienação – produção do sentido, graças à linguagem – o sujeito “não é possível ser apenas a si mesmo, o que Lacan

designa como falta em ser” (Eidetzstein, 2020, p. 20). Assim podemos refletir o corpo escrito por significantes: a ordem simbólica possibilita a disposição de elementos de linguagem, os significantes, que em cadeia, geram significações. E essas cadeias são possíveis pelo vazio que é produzido entre um significante e outro, sendo o vazio consequente à relação dos significantes.

“A interpretação atinge a causa” (p. 48) nos aponta Fink (1998), justo onde o advento de uma nova palavra parece atingir o resto não simbolizado pelo sujeito, por este que está condenado a “escrever eternamente alguma coisa ou dizer algo que continue evitando esse ponto, como se esse ponto fosse a verdade de tudo o que a cadeia produz na medida em que anda em círculos” (p. 47). O real, que permanece fora da cadeia de significantes seria, portanto, a causa daquilo que a forma. Em alguma medida, o sujeito como efeito de um significante é resultante do que permanece fora dele. Fink aponta que quando Lacan propõe a interpretação como o que atinge a causa, “ela atinge aquilo ao redor do qual o analisando está girando sem ser capaz de ‘colocar em palavras’” (p. 48) e disso resulta o Lacan (1964/1985) aponta sobre a interpretação não visar o sentido, mas ao que escapa ao sentido:

A alienação tem por consequência que a interpretação não tem de modo algum sua última instância no fato de ela nos livrar as significações da via onde caminha o psiquismo que temos diante de nós. Esta importância é apenas prelúdio. A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito. (p. 207)

Atingir a causa, pode ser compreendido com o que Dunker (2011) aponta para como uma das condições da entrada de um sujeito na análise, a de que não é a



dimensão de mal-estar que autoriza uma entrada em análise “mas a disposição para nomear este mal-estar. (...) não é a existência do sintoma que promove o ato, mas o reconhecimento de que nele se localizar um objeto de gozo” (p. 290). Atingir a causa com a palavra - a disposição de nomear que Dunker aborda - seria então a condição de transformar a relação do sujeito com o gozo, na medida em que o gozo é derivado do real. Atingir o gozo com a palavra, simbolizá-lo, parece proporcionar ao sujeito um ato criativo na produção de uma nova fantasia. Ainda, o termo “disposição” será destacado aqui em seu valor polissêmico, onde além da implicação subjetiva do sujeito em nomear a palavra, também se refere à sua posição simbólica decorrente da alienação “ao tipo de alienação e de sofrimento que se estabelece entre o sujeito e seus sintomas” (p. 290).

A presença do real no simbólico é fundamental para compreendermos o sintoma no que ele aponta para a fratura do sujeito, especialmente para a “fratura do saber e a posição do sujeito diante dessa fratura” (Dunker, 2011, p. 280). Vimos que a alienação diz sobre o desconhecimento do sujeito da posição que ocupa diante desse Outro da linguagem e agora, ao conferirmos à estrutura da linguagem uma função de “cerco” ao real, podemos perceber esse sujeito em órbita do real que lhe causa e dentro de um funcionamento automático da linguagem ao qual não reconhece sua posição. O sujeito gira em torno desse real, muito embora esse circular em torno não represente movimento, mas fixação – muito relacionado ao trauma -, de uma cadeia significante em funcionamento à revelia do sujeito, em uma compulsão à repetição. O real, ao determinar uma cadeia significantes, fixando-a, fixa também um sujeito, que está assujeitado aos significantes.

## CAPÍTULO 3

### SEPARAÇÃO

#### 3.1 Do sintoma à liberdade

Lacan em seu *Seminário 8* recorre ao termo *agalma* utilizado por Platão em O Banquete para abordar a fascinação de Alcibíades por Sócrates em seu fenômeno transferencial. Lacan nos diz: “mostrei-lhe a importância, na declaração de Alcibíades, do tema do *agalma*, do objeto escondido no interior do sujeito Sócrates” (p. 213) e que “revela-se ali uma estrutura na qual podemos encontrar aquilo com que somos capazes, quanto a nós, de articular como fundamental naquilo a que chamarei a posição do desejo” (p. 213). Fink (1998), por sua vez, aborda esse estado de fascínio de Alcibíades por “uma certa coisa [...] algo precioso, reluzente, vislumbrante que é interpretado por Lacan como o próprio desejo de Sócrates, o ato de desejar ou a capacidade de desejar de Sócrates” (p. 82).

Fink (1998) propõe que o *agalma* pode ser visto como uma possibilidade de compreender o objeto *a*, a causa do desejo do homem em “ser desejado pelo Outro” (p. 82) revelando o desejo do Outro como objeto *a*. O desejo do Outro como objeto *a*, causa do desejo no sujeito, vem em um primeiro momento da característica indecifrável do desejo do Outro, sendo o Outro parental o ponto de partida do desejo, na tentativa da criança em apreender o que desse desejo do Outro lhe escapa. Assim, a criança modula sua própria capacidade de desejar na medida em que “o desejo do Outro começa a funcionar como a causa do desejo da criança” (p. 82).

Fink (1998) diz que a relação do objeto *a* com a separação se dá pelo desejo do Outro como objeto *a* na relação da criança com o Outro materno: o desejo da criança é de ser o único objeto de afeto da mãe, que, no entanto, possui desejos que parecem não ter relação alguma com a criança, ou seja, que há algo sobre o desejo da mãe que não perfaz os caminhos da criança. Fink nos diz que “a independência do desejo da mãe do desejo da criança cria um corte entre elas [...] na qual o desejo da mãe, incompreensível para a criança, funciona de uma maneira singular” (p. 82). Dessa forma, esse corte produzido pelo desejo da mãe que escapa à criança cria as condições para o advento do objeto *a*, que pode ser compreendido como “o resto produzido quando essa unidade hipotética se rompe, como um último indício daquela unidade, um último resto dessa unidade” (p. 82-83).

Da primeira relação entre a criança e a mãe, Lucien Israel (1994) a chamará de relação mítica e diz que “é a coisa que existe entre a mãe e a criança antes que intervenha o representante da ordem social que vai interromper essa díade, romper esse encaixe, para abri-lo para as convenções sociais, para as exigências de um discurso” (p. 65). Do corte desse suposto vínculo amalgamado, haverá uma perda irre recuperável, que nos dizeres do autor, “o que vai se perder é essa relação, essa

coexistência, esse vínculo parasitário, essa díade inefável, inexprimível, que nada jamais substituirá” (p. 65.). Assim, do corte da díade inexpressável e da irrecuperabilidade de um retorno, algo de novo se forçará a surgir: a possibilidade do desejo, cujo motor é o objeto *a* representando esse resto que se perde da ligação mítica entre a criança e a mãe.

Lucien Israel (1994) ainda estabelece essa perda como a condição do inconsciente de um sujeito desejante, ou dito de outro modo, do sujeito de desejo inconsciente, que, pela ruptura do elo mítico da relação díade criança-mãe, torna-se viável o surgimento do desejo como tentativa de resposta para esse vazio que se instala. O vazio introduzido será a condição para o aparecimento da pulsão “ao preço da perda dessa experiência indizível e que não será jamais dita, cria-se uma outra coisa que será o lugar de inscrição de todas as experiências posteriores” (p. 65), que se tornará uma espécie de suporte por onde os significantes se articularão. Dito de outro modo, a perda sofrida pela criança é definitivamente traumática, mas que, dessa perda e desse trauma, o desejo torna-se possível em sua característica pulsional. Esse desejo, por sua vez, se desenrolará por meio de uma estrutura de linguagem formada a partir do suporte que emerge no ponto homólogo do trauma do corte, da ruptura. O resultado desse corte do vínculo parasitário, por meio da ordem social, da lei, é a entrada da criança no mundo da linguagem, tornando-a sujeito e apta a usufruir do direito de seu inconsciente – estruturado como uma linguagem - e por consequência, usufruindo do direito do desejo.

A clivagem, divisão do sujeito por sua entrada no campo da linguagem, é o que torna possível o desejo do sujeito uma vez que desejo e linguagem estão intrincados. Daí a importância de compreendermos a alienação como operação de constituição do sujeito a partir do Outro como determinante da sua posição do desejo

apontado por Lacan em seu *Seminário II*. Da questão da posição, Lacan (1960-1961) também se refere ao *splittin*, no seminário sobre a *Transferência*, como o desdobramento fundamental de duas cadeias significantes onde se constitui o sujeito, cujo desdobramento das cadeias resultam na relação lógica que inauguram o sujeito em sua relação significante e que “a existência de uma cadeia significante inconsciente decorre unicamente da posição do termo do sujeito enquanto determinado como sujeito pelo fato de ser o suporte do significante” (p. 214).

Lacan (1961/2010) aponta para o desejo em sua relação à cadeia significante constitutiva do sujeito falante como uma posição que se pode ser acessada a partir da metonímia decorrente da existência da própria cadeia significante, assim “a metonímia é esse fenômeno que se produz no sujeito como suporte da cadeia significante” (p. 214). Suporte também do desejo, que se revelará pelo desdobramento significante por onde se tornará possível perfazer o caminho trilhado pelo sujeito a partir de sua enunciação “do objeto para o qual o sujeito se dirige, ou, igualmente, da própria ação do sujeito” (p. 214.).

É importante lembrar que, para Lacan, o sujeito é evanescente, transitório, na medida em que o significante, uma vez enunciado por sua fala, ocupará seu lugar, substituindo-o. E então o sujeito, barrado pela linguagem – uma vez que o significante ocupará o lugar do sujeito que já não mais está lá – “não tem outra existência além de um furo no discurso” (Fink, 1998, p. 63). A cadeia significante à qual o desejo se revela pela metonímia é acessada pela interpretação, demonstrando por onde o sujeito passou sem o conter. O deslizamento metonímico que *a priori* poderia ser concebido como um desfilamento infinito, é estancado pela relação do sujeito com seu objeto de desejo, que o fixa em uma posição desejante pela qual o sujeito, por meio da fantasia pode acessar uma modalidade de gozo.

Contardo Calligaris (1989) aponta para a importância do sujeito estruturar-se em seu sintoma como uma forma de defender-se do desejo do Outro, em uma tentativa incompleta de separar-se do Outro. A relação entre a estrutura do sintoma como uma medida de defesa do sujeito e sua relação com a fantasia é patente, uma vez que o sujeito, barrado pela linguagem, precisa criar uma forma de relacionar-se não como o objeto *a* do misterioso desejo do Outro, mas com o objeto *a* em uma relação simbólica de enigma:

Qualquer tipo de estruturação do sujeito, seja neurótica ou psicótica, é uma estruturação de defesa, no sentido freudiano, no sentido que Freud fala de psicose de defesa. É uma estruturação de defesa à medida que se subjetivar, existir como sujeito [...], obter algum estatuto simbólico, obter alguma significação, é necessário para que o sujeito seja algo diferente do Real do seu corpo, algo Outro e mais do que alguns quilos de carne. Por isso, o sujeito se estrutura como uma operação de defesa. Defesa contra o que? Contra o que seria imaginariamente o seu destino se ele não se defendesse se estruturando: ser reduzido a seu corpo, o objeto de uma demanda imaginária do Outro, perder-se como objeto de gozo do Outro. A operação de defesa implica um certo tipo de metáfora. Implica que a significação possa prevalecer, que uma significação subjetiva possa prevalecer ao pedaço de carne, E como a metáfora permite isso? É preciso um Saber sobre essa demanda imaginária do Outro. Referidos à demanda imaginária, somos objeto de gozo. Referidos ao saber sobre essa demanda, temos uma significação que nos mantém defendidos como sujeitos. (pp. 13-14)

É interessante que Lacan (1961/2010) ao abordar a fantasia como o “lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo” (p. 243) sugere que a fantasia pode

representar um lugar de encarceramento do sujeito. Freud (1917/2014) sugere que o reino psíquico da fantasia é uma “área de proteção, subtraída ao princípio da realidade” (p. 494) onde tudo pode vicejar. Ao compreendermos a proposta de Freud de representação da fantasia, podemos conjecturar essa “área” como um desfecho psíquico rodeado dos objetos investidos pela libido do sujeito, familiares à sua história; e que, próxima como é a relação da fantasia com o sintoma, podemos supor um sujeito preso nesse reino psíquico, tal como nos dizeres de Freud acerca do sintoma “em lugar de uma modificação do mundo exterior [...] os sintomas apresentam uma ação interna ao invés de externa, uma adaptação em lugar de ação” (p. 486). É como se o sintoma, como uma proposta de adaptação, organizado pela fantasia, promovesse uma estrutura muito específica que desse conta de redirecionar os impulsos da ação real para uma adaptação fantástica.

Dessa adaptação, podemos conceber a fantasia como a forma criada pelo sujeito para se relacionar com a causa de seu desejo, e que, para o caso do sintoma, se revela por um modo fixo de o sujeito relacionar-se repetitivamente com seu objeto eleito. Lacan (1964/1985) nos aponta a fantasia como:

A fantasia é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo. O sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto significante cada vez mais complexo. Isso se vê bem na forma de enredo que esse conjunto toma, onde o sujeito, mais ou menos reconhecível, está em algum lugar, esquizado, dividido, habitualmente duplo, em sua relação a esse objeto que o mais frequentemente não mostra mais seu verdadeiro rosto. (p. 181)

Israel (1994) aponta para a fantasia como o passo fundador do sujeito pois, “na fantasia, esse sujeito, de uma maneira ou de outra, se encontra ligado não mais à coisa, mas ao objeto” (p. 66). A morte da coisa se trata da entrada do sujeito no mundo significante, assim, o inconsciente se presentifica pela morte da coisa, pela incursão da letra no real. Israel ainda aponta que o significante não vai substituir a coisa, mas “permite evocá-la e fazê-la passar à condição de objeto. A coisa – *das Ding* – se torna *Sache* [...]. A coisa dita é o objeto” (p. 64). Isso nos leva a questão da posição do sujeito em relação ao seu objeto, agora nomeado, uma posição que está organizada por sua fantasia, a partir de uma conjuntura significante que modula não só sua forma de desejar, mas também designa o objeto de desejo em si como objeto de escolha inconsciente.

Jorge (2010) aponta que “o desejo não possui objeto, mas que a fantasia seria o suporte do desejo na medida em que ela o fixa numa certa relação estável com determinado objeto” (p. 78). Esse carácter fixo parece apontar para os efeitos consequentes da coexistência do desejo e linguagem em seu desdobramento significante. É possível compreendermos a função do objeto ao ancorar o sujeito em seus desdobramentos significantes a partir do que Lacan (1961/2010) nos aponta sobre o valor do objeto privilegiado, capaz de estancar o deslizamento infinito da cadeia significante, e que, sem esse objeto, o deslizamento infinito seria o do próprio sujeito, tornando-o incapaz de subjetivar qualquer causa de seu desejo, e em última instância, incapaz sequer de desejar, extraindo-o de sua condição de sujeito do inconsciente. Esse objeto, nos diz Lacan, “pode assumir também, com relação ao sujeito, esse valor essencial que constitui a fantasia fundamental. O próprio sujeito se reconhece ali como detido, ou, [...] fixado.” (p. 214). Assim, Lacan nos diz que é na



medida em que o sujeito se identifica com sua fantasia que o desejo assumirá consistência, sendo esse desejo, “desejo do Outro,” (p. 215).

Fink (1998), por sua vez, nos diz que o sujeito dividido, excluído do Outro, pode sustentar ainda uma ilusão de totalidade, apegando-se ao objeto *a* por meio da ilusão designada por Lacan em seu *Seminário 8: a transferência* como a fantasia. Fink (1998), nos diz que “o sujeito dividido em relação ao objeto *a*” (p. 83) é representado pelo matema  $\$ \diamond a$ , e que a fantasia aponta para “o modo como o sujeito gostaria de estar relacionado com o objeto *a* [...] em como ele gostaria de estar posicionado em relação ao desejo do Outro” (p. 83).

Ao simbolizar seu desejo e subjetivar sua causa o sujeito terá melhores recursos para dialetizar seu desejo por meio da função criativa da palavra. Poderá, assim, criar alternativas que o mobilizem para além da fixação derivada da fantasia do reencontro mítico que reatualiza o trauma da perda. Em melhores condições de criação, o sujeito pode deslocar-se entre antigos e novos objetos a partir de uma fantasia mais aberta dialeticamente com o mundo externo, experienciando uma nova condição de ser. Lucien Israel (1994) expressa de modo muito especial a possibilidade de uma abertura da fantasia para uma nova modalidade de Ser do sujeito:

A fantasia na qual o sujeito está encarcerado, afogado, mergulhado, emparedado, nos serve de crivo para recortar, na realidade do mundo, as constelações que nos convém. Mas são constelações escolhidas pelo crivo da fantasia. Em outras palavras, pelo tempo em que o sujeito estiver prisioneiro da fantasia, o outro do encontro amoroso e pouco importa seu sexo, vai ser um outro projetivo, um outro conforme o fabriquemos em nossas representações primordiais. No encontro amoroso só reconhecemos aquilo que já trazíamos

dentro, isto é, alguma coisa que não representa mais do que uma parte ou de outra. Mas, se a fantasia for aberta, desencapsulada, como eu disse um dia, se ela se abrir de maneira que suas partes constituintes possam ser separadas, desse momento estaremos na presença de um sujeito desejante que pode escolher um outro radicalmente diferente dele, sem nenhuma relação com ele, um outro que constitui a abertura em direção a uma aventura, em direção a uma vida nova que não era previsível, nem programável, nem representável, e que, no limite não era sequer possível. (p. 67)

Esse fragmento de Israel pode ser ponte para a compreensão da operação de separação – que, tal como a alienação, cumpre a função de constituição do sujeito - como uma travessia da fantasia. Se, em um primeiro momento, a fantasia do sujeito pode encarcerá-lo, é pelo que nela destina ao sujeito uma fixação, repetição, em seu modo de desencontro com o objeto perdido. Ao invés de libertá-lo, a ilusão de totalidade proporcionada pelo suposto reencontro do objeto, fixa-o. A travessia da fantasia por sua vez corresponderia ao desencapsulamento dessa fantasia, em abri-la para a possibilidade de subjetivação do sujeito que poderá, então, trazer para si uma nova responsabilização por sua posição frente ao trauma do desencanto - e do desencontro - com o objeto *a*.

Em *Os lutos do objeto perdido*, Lucien Israel (1994) resgata a transmissão da linguagem do Outro materno como a experiência primordial vivenciada pela criança como sendo o amor da mãe. O autor nos diz que se alguma coisa nos prende “a essa linguagem que nos foi forjada, imposta é que, ao mesmo tempo em que nos ensinavam a palavra, tivemos direito a provas do amor da mãe, que talvez fizesse dessa aprendizagem uma condição, um veículo desse amor” (p. 129).

Desse modo, Israel (1994) nos aponta que a renúncia à fonte original da linguagem por meio da separação é também uma renúncia da primeira prova de amor que não mais retornará e que essa renúncia servirá de modelo para os lutos posteriores que reatualizarão sua perda radical em um efeito de cadeia. Assim, “é um modelo do objeto perdido, entendido que este é fundamentalmente a mãe o amor da mãe” (Israel, 1994, p. 129) mas que a “separação, o luto desse amor, o que nos tornará adultos, só será realizável com a condição de que, no discurso materno, existe uma semente de ruptura” (pp. 129-130).

Vimos no capítulo 1 que a alienação tem em seu efeito operativo o germe para a separação, uma vez que o sujeito é não-todo alienado pela linguagem. Assim, a lógica do todo não pode ser representada pelo Outro. O Outro, não-todo representado pela linguagem é barrado pela ausência de um significante fundamental e essa falta acusa o real de sua estrutura. Como nos diz Laurent (1995) “não há meio de inscrever o quantificador ‘para todo’ ou ‘a totalidade de’ no Outro. (...) Não- todo sujeito pode estar presente no Outro. Há sempre um resto” (p. 36).

Vimos também que esse real que fratura a totalidade do Outro – por onde o inconsciente do sujeito irá se constituir - é um resto não simbolizado que representa a abertura para o desejo do sujeito. Assim, a fratura do discurso materno é o que tornará viável o desejo da criança, que, por sua vez deverá arcar com a responsabilidade de separar-se. Ou seja, o desejo é a via pela qual o sujeito pode se amparar para fazer a travessia da alienação para a separação do Outro.

O Outro, como barrado, não poderá prover em sua bateria de significantes o que o sujeito demanda para simbolizar o real ao qual está submetido traumáticamente e pelo qual se estrutura enquanto sujeito de desejo. Essa ruptura entre a demanda do

sujeito e a insuficiência do Outro em atendê-lo plenamente é abordado por Lacan (1964) como a busca do sujeito pela representação sexual no Outro - e que não encontrará. Lacan nos diz que:

O mito de Aristófanes ilustra a busca do complemento de maneira patética, e enganadora, articulado que é o outro, que é sua metade sexual, que o vivo procura no amor. Esta representação mítica do mistério do amor a experiência analítica substitui pela procura, por parte do sujeito, não do complemento sexual, mas da parte para sempre perdida, dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo assexuado e não mais ser imortal (p. 201).

Laurent (1995) ao tratar da busca do sujeito por seu complemento perdido, diz que “se o sujeito tenta encontrar-se no Outro, só pode se encontrar como uma parte perdida. Ele fica petrificado por um significante-mestre e perde alguma parte de seu ser” (p. 43), ou seja, se a busca pelo sujeito é uma busca pelo sentido, no intuito de encontrar no Outro aquilo que lhe falta, ficará alienado de seu ser. O autor retoma a alienação como a condição do sujeito que, por não ter identidade, buscará identificar-se a algo e que, a alienação “encobre o fato de que, em um sentido mais profundo, o sujeito se define não apenas na cadeia significante mas, no nível das pulsões, em termos de seu gozo em relação ao Outro” (p. 43).

Assim, a alienação como uma busca de sentido no Outro “encobre o fato de que o objeto de gozo como tal está perdido (Laurent, 1995, p. 43). O sujeito de sentido, alienado, encontra-se dividido pela linguagem e “despedaçado entre as pulsões parciais, parciais na medida em que sempre há uma perda” (p. 43). Então o eu, surgido no interior do sujeito, torna-se centro de um conflito inevitável uma vez seu próprio surgimento decorre da tentativa do sujeito em alcançar um senso de

unidade pela via da alienação. A frustração decorrente dessa tentativa de produzir um sentido integral a partir de um sujeito despedaçado pulsionalmente, demonstrando o desencontro entre sentido e ser, uma vez que o sujeito aposta na via do sentido por um senso de unidade e o faz a partir do Outro que também é incompleto, ao mesmo tempo que seu ser é dinamizado por pulsões parciais e insatisfeitas. O sintoma revela-se assim como uma tentativa de unificar as pulsões parciais em torno de um objeto fixo. Essa fixação levará o sujeito à irremediável reedição do trauma, uma vez que não haverá êxito na ilusória tentativa de reencontro com o objeto.

Laurent (1995) ainda nos diz que o sujeito está posto inconscientemente em posição de objeto de gozo do Outro por ter ocupado, em seus tempos de *infans*, uma posição de objeto da parte perdida do Outro. O autor indica que “ele começa a viver no lugar de objeto *a*, e em seguida tem de se identificar com aquela parte perdida e ingressar na cadeia de significantes” (p. 44). A entrada do sujeito no mundo da linguagem, acontece, portanto, pela via das identificações, às quais buscará ancorar-se em sua relação com o Outro.

É pelo efeito da interpretação que o sujeito poderá simbolizar a causa de sua existência, que em um primeiro momento é proveniente do Outro. Pelo desejo do Outro parental surge a possibilidade da existência da criança. Também pelo desejo do Outro, inserido em um sistema simbólico, que será comunicada à criança as primeiras interpretações de suas necessidades primárias que serão transformadas em demandas pela via da linguagem; e será pela palavra do Outro que o sujeito se estabelecerá no mundo da linguagem ancorado em seu significantes-mestres aos quais os demais significantes despontarão como articuladores de sentidos.

O sujeito alienado está imerso em um mundo simbólico que não fora subjetivado por si. O sujeito, ao simbolizar a causa da sua existência, ao atingir a causa do desejo do Outro por meio da palavra que lhe se seja própria poderá tomar para si a causa de seu advento. A interpretação atinge a causa uma vez que pelos desfiles significantes provenientes do Outro, o sujeito será capaz de atingir o limite da estrutura onde não há um significante que incite um próximo deslizamento. O sujeito vai se deparar com o Outro como condição de incompletude e, diante desse limite do Outro, se verá em uma possível posição de separação.

A travessia da fantasia, nos aponta Fink (1998), pode ser compreendida em termos de uma transformação em significantes do desejo do Outro, em que o sujeito poderá ocupar uma nova posição em relação ao objeto *a*. O sujeito assim, poderá assumir uma nova posição em relação ao Outro como linguagem e desejo, “trata-se de investir ou habitar aquilo que o causou” (p. 86). Assim, ao subjetivar a causa – responsável pela entrada no mundo da linguagem pelo sujeito, dividindo-o -, o sujeito é capaz de inserir o desejo do Outro no movimento dos significantes, reconduzindo-se a um novo destino, a uma nova criação de sentido que lhe seja mais própria. A travessia torna-se possível graças à essa referida posição do sujeito em relação ao objeto *a*, que, por sua característica de cavo, indica o real traumático ao qual seu inconsciente se estruturou como linguagem, posicionando o sujeito a partir de uma determinada condição estabelecida pela linguagem em suas leis e regras. Lacan (1961/2010) diz que “o que está em questão no desejo é um objeto, não um sujeito” (p. 215) e que, ao se subjetivar o resto de real representado pelo objeto *a*, por meio da fala, o sujeito poderá ser reconduzido por novos destinos.

A travessia da fantasia consiste na possibilidade de sujeito transitar pela estrutura de seu sintoma até o limite em que o Outro é incapaz de designar um

significante que mobilize a cadeia para novos sentidos, abordado por Jorge (2010) como:

A entrada na análise se dá pela via do sintoma e a análise do sintoma revela sempre, como nos mostrou Freud, a fantasia a ele subjacente. Se a análise opera a travessia da fantasia, ela desemboca no real que sustenta a estrutura psíquica, não-toda estruturada em linguagem pelo simbólico. Essa é também uma das maneiras de se entender a castração simbólica, a revelação da falta real no Outro. (p. 70)

É na possibilidade do sujeito em se deparar com os limites da própria fantasia, estruturada em linguagem pelo Outro, que o sujeito poderá percebê-la irresponsiva em seus elementos constituintes. Poderá, assim, se deparar com a limitação de sua estrutura que esgota, provisoriamente, o deslocamento do seu ser. Assim, o sujeito poderá valer-se do resto pulsional, do real do seu sintoma, para simbolizá-lo, pondo em cadeia novos elementos que intensifiquem suas possibilidades criativas. Segundo Ocariz (2007), um dos objetivos da análise é a possibilidade de “inscrever no simbólico alguma parte do sintoma que pertence ao registro do real, que não cessa de não se inscrever” (p. 134), assim, nossa leitura é que é pela travessia da fantasia que o sujeito poderá se deparar com esse real de seu sintoma que o dispõe em seu trauma, para que ele possa reconduzir-se para uma nova posição simbólica. Para que, diante do real, o sujeito tenha mais possibilidades de criação a partir de seu trauma, ou seja, poder criar, a partir de seu sintoma, uma posição mais articulada com o objeto *a*. Jorge (2010) nos aponta que:

Enquanto objeto *a*, ele conduz a análise do sintoma na direção da travessia da fantasia que o sustenta para dar acesso ao real que ela vem recobrir. Pois,

como nos disse Lacan “o sintoma é o que muitas pessoas têm de mais real; para certas pessoas poderíamos dizer: o simbólico, o imaginário e o sintoma”.  
(p. 73)

O sujeito, então, diante da insuficiência da estrutura de sua fantasia poderá pelas condições de simbolização criar uma metáfora nova e em última instância, experimentar-se como um novo sujeito. Trata-se da criação de uma nova cadeia, não apenas de um encaixe em uma cadeia preexistente já cheia de sentido. Daí a importância no não-sentido do real que permeia toda a cadeia pelos intervalos significantes, até os limites de suas estruturas, pois, pelo real, pela ausência de sentido, o sujeito poderá acessar a palavra como um novo significante, para produzir novas significações.

A travessia da fantasia, pelas vias da interpretação analítica, leva o sujeito a confrontar a falta no Outro, que também corresponderá à sua falta enquanto sujeito. Ao confrontar o Outro, o sujeito poderá transgredir a limitada estrutura do Outro que lhe provém um sentido parcial e que aliena seu ser. Ou seja, o sujeito poderá ver que o limite de sua produção de sentido coincide com o limite do Outro, no ponto em que o Outro também é dividido. Dessa divisão o sujeito se verá diante de um cavo que designa a possibilidade de uma nova palavra advir rumo à sua significação.

Desse cavo, o sujeito precisará enfrentar a falta do significante, uma vez que esse real é o resto não simbolizado da existência de si e do Outro, ou seja, não há como sequer nomear o objeto, sendo uma espécie de fronteira onde o objeto inexistente coincide com a palavra ainda não criada. O sujeito, poderá, enfim, criar uma palavra, um significante, que lhe ancore em uma significação outra que lhe permita um advir, uma inovação derivada de um novo sentido. Essa nova palavra,



permitirá a existência de um objeto que não estava previamente determinada em sua estrutura desejante. Trata-se de subjetivar a causa, o real traumático que estrutura seu inconsciente como tal e de criar um objeto que não esteja ancorado em uma ilusão de completude.

O sujeito, diante desse limite fronteiro entre o simbólico e o real poderá ocupar uma nova posição diante da fragilidade da estrutura ao qual conduziu sua experiência dentro do campo simbólico até então. Essa estrutura também lhe proporcionou um destino frágil, pois, como produto de sentido, o sujeito fora destinado a um reencontro falido com um objeto que nunca existiu. Um sentido que encaminha o sujeito na repetição do reencontro ilusório do objeto perdido de sua completude impossível. Com a travessia da fantasia, há a possibilidade de o sujeito encarar o abismo real do objeto faltante, cujo covo, ausência, é constituinte da estrutura do inconsciente do sujeito, onde o objeto *a* representa o “real enquanto limite que se impõe à linguagem” e que possui “função naquilo que a própria linguagem estrutura” (Faria, 2019, p. 21). Com isso, diante do furo da linguagem, o sujeito dividido poderá assumir o lugar da causa de seu inconsciente, que, ao estar relacionado ao objeto *a* como causa de desejo, também assumirá o lugar da causa de seu próprio desejo “em outras palavras, torna subjetiva a causa traumática de seu próprio advento como sujeito, vindo a ser nesse lugar onde o desejo do Outro – um desejo estrangeiro e estranho – havia estado” (Fink, 2008, p. 85).

Lacan em seu *Seminário 11* aborda o percurso da pulsão em seu caráter circular em que “o que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura” (p. 175) e que o sujeito da pulsão é o que vai se fazer surgir por esse percurso. É também um sujeito de vaivém, por assim dizer. Assim, por meio de seus retornos, a pulsão obtém sua satisfação não por atingir seu alvo, mas a satisfação é

dada pelo retorno em circuito. Esse circuito é dado pela relação com a alteridade que faz surgir e reatualizar o Outro, “esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu circuito circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão” (p. 175). Lacan, ao propor que não há maturação da pulsão e que a noção de desenvolvimento é incabível no entendimento das pulsões que são, em seu conjunto, parciais, diz que “a passagem da pulsão oral à pulsão anal não se produz por um processo de maturação, mas pela intervenção de algo que não é do campo da pulsão – pela intervenção, o reviramento, da demanda do Outro” (p. 177).

Dessa forma, resgatamos a noção de posição ocupada por um sujeito nesse campo que é do Outro, reatualizada em função da dinâmica pulsional premente na relação entre o sujeito e seu semelhante. A pulsão, cuja fonte decorre do real, põe em evidência sua relação com a sexualidade, uma vez que não há saber inscrito no sujeito. Como disse Lacan (1964/1985):

Todos os sujeitos estão em igualdade, passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante – que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões parciais, parciais em reação à finalidade biológica da sexualidade. (p. 174)

Vemos assim a chave para compreender a formação da fantasia, operadora do sintoma, como uma construção significante para dar trilhos, passagem à pulsão que se realizará no campo do Outro, que, assim como o sujeito, é fundado sob uma falta. Dessa falta, ou cavo, revela-se o objeto *a*, como causa do desejo. A separação a operação de corte na fantasia do sujeito que o libera da frustração permanente de buscar no Outro o objeto substitutivo de um objeto que nunca existiu. Trata-se da

possibilidade do estilo para o sujeito, que ao cortar-se de uma estrutura que o prende em um gozo impossível, o permite reformular sua fantasia não tanto como uma supressão de uma falha do Outro, mas como um propulsor de ação, de formas de satisfação menos fixadas.

A travessia da fantasia, o caminho da análise, tem como objetivo a liberdade do sujeito, ou ao menos, alguma liberdade possível. O sujeito, ao se estruturar em seu sintoma como mecanismo para defender-se da invasão simbólica do Outro, o faz sob sujeição das leis da linguagem e, mesmo com praticamente nenhuma participação subjetiva, cria seu sintoma. A travessia da fantasia não significa que o sujeito não estará mais assujeitado à sua estrutura fundante, mas que o sujeito poderá transitar por novas posições simbólicas, ampliando os espectros de produção de novos sentidos e com isso, ampliando as passagens para seu ser. O sujeito estará em uma posição mais privilegiada, mais dialética e enriquecedora para a criação de sintomas mais versáteis, flexíveis ou até mesmo, fluentes, para dar vazão ao seu desejo. Essa criação será sua alternativa à composição rígida, repetitiva e dolorosa de seu sintoma.

A travessia da fantasia leva o sujeito ao saber de sua posição frente a demanda imaginária do Outro e em como ele se defende dela. O Outro submete o *infans* como objeto de seu desejo ao mesmo tempo que proporciona as condições para que essa advenha como sujeito de linguagem. A criança, ao escolher a linguagem para sua entrada no campo da subjetividade e das trocas simbólicas, advém então como sujeito ao abandonar sua condição puramente objetual. Todavia, ainda que advenha como sujeito, o faz a partir do Outro e de uma causa que não é sua: afinal, a criança veio ao mundo por um desejo que a antecede.

A travessia da fantasia pelo sujeito visa justamente subjetivar a causa de seu advento, imprescindível para que a separação também lhe constitua. Subjetivar a causa de sua existência implica percorrer a cadeia de desejos do sujeito. Por meio da interpretação, o desejo passa a ser historicizado em uma cadeia de desejos, aos quais o sujeito pouco esteve advertido justamente por ser um fenômeno inconsciente. Mas, ao retomar a cadeia de desejos, o sujeito pode subjetivá-los reconhecendo sua posição ocupada e em como essa posição reflete sua relação com o Outro. É um percurso fundamental para que o sujeito possa elaborar uma nova condição de desejo menos atrelada ao Outro. Lacan (1964/1985), ao abordar a interpretação aponta para o percurso analítico a direção da busca pelos elementos irreduzíveis:

Como consequência da alienação, a interpretação não tem de modo alguma sua última instância no fato de nos fornecer as significações da via onde caminha o psíquico que temos diante de nós. Esta importância é apenas o prelúdio. A interpretação não visa tanto ao sentido, mas a reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito. (p. 202)

O objeto *a* é chave para compreendermos o processo de separação. Se o sintoma é o que estrutura o sujeito como uma defesa do Outro, o objeto *a* é o que permite, ao sujeito, modular, flexibilizar e reorganizar essa estrutura para que entre em contato com o que não se limita a estrutura. O objeto *a* é o que não se encontra na estrutura, está fora dela. E o sujeito, em sua tentativa de capturá-lo, precisará também criar condições que lhe forcem saídas da estrutura que lhe constitui.

## CONCLUSÃO

O título do presente trabalho “Em defesa do sintoma” não teve por objetivo defender a manutenção de uma posição ocupada por um sujeito em seu sofrimento, mas antes, em defender que o sintoma é uma obra criada pelo sujeito para defender-se do Outro, na medida em que o sintoma é uma tentativa do sujeito em se separar de uma alienação total da linguagem e do estranho desejo desse Outro que o antecede. Todavia, o sintoma, cumprindo uma função de defesa, também fixa o sujeito perante o Outro. O sujeito sofre em sua falta-a-ser no misterioso desejo do Outro.

Caberá ao sujeito reconhecer seu sintoma naquilo que dele transmite uma mensagem singular e inalienável de seu desejo, que escapa ao Outro e que, uma vez reconhecido, simbolizado por este sujeito, novos modos de fazer, criar e transitar serão possíveis a partir do que lhe é mais singular. Se o desejo do Outro é vivenciado pelo sujeito como um mistério, que o faz criar um sintoma como uma tentativa de resposta ao trauma do não saber, o reconhecimento do próprio desejo está na lógica do enigma, a de que há algo que pode ser um vir-a-saber sobre si, elevando-o a uma nova possibilidade de vida.

Ao abordamos o sintoma a partir das operações de alienação e separação propostas por Jacques Lacan em seu *Seminário II* nosso objetivo foi o de situar o sujeito – aquele que assina a autoria de seu sintoma – em um contexto que lhe é prévio, que lhe impõe condições e leis que lhe são antecedentes, mas que não necessariamente determina seu destino. A anterioridade lógica do Outro, como mapa de navegação do sujeito em um campo de linguagem permite ao sujeito certa mobilidade entre seus semelhantes, que compartilham das coordenadas simbólicas

para coexistirem na condição de sujeitos de linguagem. Esse Outro, que lhe proporciona uma gramática, com suas leis e regras, também o aliena nessas condições: a de que, para existir como sujeito, este deve ser sujeito à ordem simbólica, ou seja, estar assujeitado à linguagem.

É com isso que se constituiu nossa demonstração ao longo do trabalho sobre o conceito de alienação. Ainda, o sujeito que é alienado pela linguagem, é também alienado pelo desejo do Outro, na medida em que linguagem e desejo são feitos da mesma tecitura e partem amalgamados como mensagem. Um desejo Outro, que não a do próprio sujeito, foi responsável pela causa de sua existência. Isso implica que, desde o nascimento o sujeito esteve à mercê, por assim dizer, de um desejo que não fosse o seu. A alienação se reatualiza ao longo da vida do sujeito, que segue se constituindo como sujeito alienado ao longo de sua existência. Isso porque, ele segue assujeitado pelas condições inerentes à linguagem e ainda segue sendo causa, em diversos efeitos, do desejo do Outro que sempre se reatualiza a partir dos outros que lhe são semelhantes, sejam nas amizades, nos amores, nos colegas de profissão e em toda a sorte das relações humanas.

Mas isso é a alienação, aquilo que o liga inevitavelmente ao Outro. Jacques Lacan propõe também uma espécie de verso dessa operação para apresentar a operação de separação, ou seja, na medida em que a operação de alienação acontece, a separação torna-se possibilidade de forma concomitante. A operação de separação, também constituinte do sujeito, faz par com a alienação na medida em que, pela alienação, algo do ser do sujeito permanece de fora da linguagem, proporcionando um espaço para que o sujeito se separe do Outro enquanto causa. Isso porque, diante do Outro e seu tesouro dos significantes, o sujeito também está diante de um furo que esvazia este Outro de uma condição de totalidade. Esse furo, abordado por Lacan pelo

conceito de real, é o que resiste à linguagem e impede o Outro de incorporar por completo o sujeito por meio da significação de seu ser, ou seja, o real impede o Outro de anular totalmente o sujeito por meio dos significantes. Faria (2019) propõe que “a alienação ao campo da linguagem deixa um resto e que, portanto, articula-se logicamente à operação de separação, localizável nessa função lógica desse resto” (p. 24).

O real, apontado como traumático, na medida que representa um resto de simbolização, ou seja, um excedente da experiência do sujeito que não pôde ser posta em uma cadeia de significações, pode fixá-lo ou libertá-lo. Se, pela alienação o sujeito não sabe sobre o desejo do Outro responsável pela causa de sua existência, pela separação o sujeito confronta o Outro nesse lugar de desejo, tomando para si a própria causa, subjetivando-a. Desse modo, se a alienação é marcada pela causação do sujeito pelo desejo do Outro, na separação o sujeito poderá ocupar uma nova posição que lhe permita subjetivar a causa de sua existência. Isso torna-se possível pela expulsão do sujeito de uma posição fixa de desejar-ser – e seu conseqüente fracasso – o único objeto de desejo do Outro. Com a subjetivação da desilusão de um reencontro com o Outro, o sujeito assume para si a possibilidade própria de desejar. Assim, o sujeito ao admitir a incompletude irrestaurável do Outro, abandona a posição de ser o objeto responsável por sua completude. A subjetivação da causa de sua existência envolve abandonar a posição de objeto do desejo do Outro e tornar-se um sujeito de desejo mais articulado e mais fluente com seu próprio modo de desejar. Trata-se de um corte, e o corte é real, envolve um saber-fazer por parte do sujeito sem a garantia de um saber veiculado por uma cadeia significante fixada em seu repertório extraído do Outro.

A subjetivação da causa, pelo atravessamento da fantasia, põe o sujeito em condições de desejar sem objeto fixo, o posicionando em uma pura capacidade de desejar. Ao subjetivar a causa de seu desejo, o sujeito será capaz de produzir novas metáforas, irrompidas pelo curso da simbolização, capazes de mobilizá-lo para novos sentidos, para sentidos além do Outro. Assim, se o sintoma em sua produção metafórica proporciona ao sujeito uma posição em uma estrutura na qual um sujeito se instala em coordenadas mais ou menos fixadas pelo desejo do Outro, com a produção de novas metáforas, pela dialetização do real, o sujeito poderá ocupar novas posições mais ou menos móveis. Trata-se de substituir os elementos que enrijeceram sua estrutura por elementos que a flexibilizem e assim, poder abarcar novas possibilidades de criação. Ocariz (2007) aborda o peso do Outro no início de uma análise ao dizer que:

Quando uma análise começa, a demanda e a imaginação própria do neurótico instituem o Outro e o fazem consistente. A demanda se dirige a um Outro que se supõe ter o que falta àquele que sofre. A demanda cria o Outro, inventa-o e deposita nele a chave para a felicidade. Aquele que atravessou essa fantasia, que atravessou seu fantasma, descobre que a causa não é do Outro; que o Outro não é o mestre da pulsão. Isso deixa o sujeito aliviado do peso, não do inconsciente, mas do Outro que o atormentava. O Outro era uma armadilha: a causa de seu sofrimento e o lugar de onde pode vir a solução. No final de uma análise, o sujeito tem que se deslocar em relação a essa armadilha: ocupar o lugar da solução e assumir-se como responsável pelo seu sofrimento. Deixar de outorgar ao Outro o lugar de senhor da verdade, do saber. (p. 138)

A análise não visa a extirpação de um sintoma, mas pô-lo como ponto de partida para a criação de novos sintomas, de posições subjetivas transformadas. Ou



seja, o sintoma é um ponto de partida para que o sujeito possa produzir novas significações. Ocariz (2007) aborda o sintoma como “um componente essencial da identidade, talvez o mais próprio. Por isso diz-se: o sintoma é o mais real que o sujeito tem” (p. 131) e assim, o atravessamento da fantasia pelo sujeito consiste em desalojar-se do sintoma em uma estrutura Outra lhe mantinha fixado; consiste em atravessar o próprio sintoma, como ponto de partida, deslocando seu sintoma em uma nova relação simbólica, mais dinâmica, a partir de um real que ora lhe fixava mas que agora lhe proporciona a possibilidade de uma nova criação, de uma nova subjetivação. Trata-se de apropriar-se do sintoma para novas invenções.

O sintoma neurótico é como uma estrutura remendada pelo sujeito para mantê-lo erguido em uma ordem simbólica incompleta e incapaz de representá-lo em seu ser, e o sujeito o cria a partir dos elementos linguísticos que o constituem, ou seja, a partir do Outro como lugar e tesouro dos significantes. Os sintomas, porém, fixam o sujeito, uma vez que se instalam a partir da ilusão de um reencontro derradeiro com o objeto perdido que sequer existiu, ou ainda, fixam o sujeito pelo desejo de ser o objeto que o Outro perdeu. O sujeito visa, ocupando a função de objeto, ser reintegrado em uma condição mítica de tensão zero, a qual, se existiu, é irrecuperável. É uma posição inevitavelmente de espera, de espera que o Outro o resgate de sua condição de falta, e, em última instância, de sua condição de desejo. O desejo dá trabalho, mobiliza o sujeito pelo simbólico exigindo criações que o satisfaçam. O desejo aponta para a angústia decorrente da falta inexorável demarcada pelo objeto *a*, causa do desejo, mas que o lança para fora da estrutura que lhe contingencia em sentido, o lança a descobrir a vida para além do Outro. Assim, um sujeito mais fluente em seu desejo poderá trilhar novos destinos que o levem a aventuras anteriormente impensáveis. Trata-se, no final das contas, da própria possibilidade de inventar.

## Referências Bibliográficas

Borges, S. (2008). Prefácio. In H. Conde, *Sintoma em Lacan* (pp. 5-7). Escuta.

Dunker (2011). A estrutura do tratamento psicanalítico. In *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arquitetura das práticas de cura, psicoterapia e tratamento* (pp. 273-295). Zagodoni Editora.

Dunker (2016). A alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise. In *Por que Lacan?* (pp. 109-122). Zagodoni Editora.

Dunker (2019). *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud: uma hipótese de leitura*. Instituto Langage.

Eagleton, T. (2019). A psicanálise. In W. Dutra (Trad.), *Teoria da literatura: uma introdução* (pp. 227-291). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1983)

Eidelsztein, A. (2020). *A origem do sujeito em psicanálise* (A. Escalante, Trad.). Toro.

Faria, M.R. (2019). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Lacan*. Toro.

Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo* (M. L. D. Sette, Trad.). Jorge Zahar.

Freud, S (2013). *As pulsões e seus destinos* (P. H. Tavares, Trad.) Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud (2014). Os caminhos da formação do sintoma. In. S. Tellaroli (Trad.), *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)* (Vol 13, pp. 475-499). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)

- Freud, S. (2016). Caminhos da terapia psicanalítica. In. C. Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1918-1919)
- Israël, L. (1994a). A coisa e a fantasia (L. Arangy, Trad.) In *Mancar não é pecado* (pp. 63-69). Editora Escuta.
- Israël, L. (1994b). Avatares do Édipo (L. Arangy, Trad.) In *Mancar não é pecado* (pp. 87-94). Editora Escuta.
- Jaanus, M. (1995). A desmontagem da pulsão (D. D. Estrada, Trad.) In *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp. 134-154). Zahar.
- Jorge, M.A.C. (2000). *Fundamentos da psicanálise: as bases conceituais* (Vol.1). Zahar.
- Jorge, M.A.C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan* (Vol. 2). Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M.D. Magno, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (B. Milan, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1987). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica* (M.C.L Penot, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955)
- Lacan, J. (1988). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In. V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 591-652). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)

- Lacan, J. (1988). A instancia da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In. V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 496-533). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J (1988). A significação do falo. In. V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 692-703). (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1988). Do sujeito enfim em questão. In. V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 229-237). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (1988). *Escritos* (V. Ribeiro, Trad). Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (1988). Função e campo da fala e da linguagem. In. V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 238-324). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1988). O estádio do espelho como formador da função do eu. In. V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 103). (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 8: as psicoses* (A. Menezes, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (A. Quinet, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência* (D. D. Estrada, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Laurent, É. (1995). Alienação e separação I (D.D. Estrada, Trad.) In *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp. 42-51). Zahar.

Ocariz, M.C. (2007). *O sintoma e a clínica psicanalítica: o curável e o que não tem cura*. Via Lettera.

Porge, E. (2006). *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino* (C. T. G de Lemos, Trad.). Editora Universidade de Brasília.

Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Zahar.

Soler, C. (2012). *O inconsciente: o que é isso?* (C. A. A. Oliveira, Trad.). Zagodoni.

Soler, C (2022). Os paradoxos do sintoma na psicanálise. In J. Rabaté, *Lacan* (pp. 169-188) (pp 169-188). Editora Ideias & Letras.